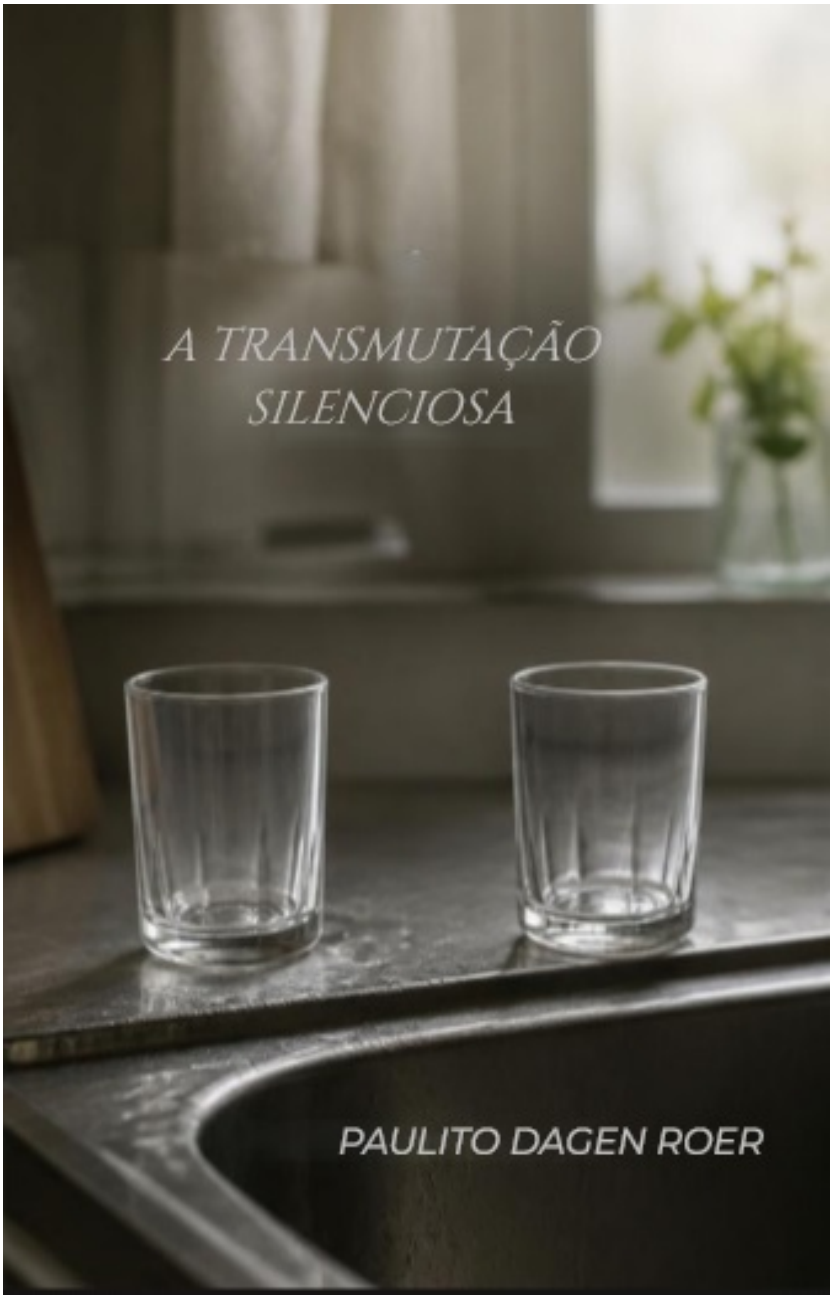
A TRANSMUTAÇÃO
SILENCIOSA
PAULITO DAGEN ROER

A Transmutação Silenciosa

A Transmutação Silenciosa

Romance

PAULITO DAGEN ROER

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou distribuída, por qualquer meio, sem autorização do autor, ressalvadas as exceções previstas em lei.
© 2026 Paulito Dagen Roer

SUMÁRIO

I — O Instante Antes do Início – pág. 1

II — A Anatomia dos Pequenos Movimentos – pág. 19

III — O Ensaio dos Gestos – pág. 39

IV — A Geografia dos Gestos Invisíveis – pág. 65

V — O Que Muda em Silêncio – pág. 95

VI — Antes que a Ausência seja Perda – pág. 119

VII — Limiar – pág. 142

VIII — Partidas Silenciosas – pág. 167

IX — Onde a Vida Denuncia a Mudança – pág. 195

X — Palavras que Movem o Instante – pág. 221

XI — A Linha Invisível da Existência – pág. 253

XII — O Que Permanece – pág. 283

Epílogo – pág. 313

Nota do Autor – pág. 317

I

Ela estendeu a mão para o último pacote.

Foi quando ele fez o mesmo.

Nenhum dos dois chegou a tocar no produto.

Ela recolheu a mão primeiro.

— Desculpe.

— Não, pode pegar.

Ela olhou para o pacote.

— Você quer?

— Não.

Ela ficou olhando para ele por um instante, como se a resposta tivesse alguma coisa de incompleta. Depois pegou o pacote e colocou-o no carrinho.

Ele permaneceu diante da prateleira.

Havia outros pacotes na parte de cima, mas eram de outra marca. Ele não gostava daquela marca. Não era exatamente uma questão de gosto. Havia anos comprava o mesmo produto, no mesmo supermercado, quase sempre na mesma hora, e talvez tivesse confundido fidelidade com

preferência. Só percebeu isso naquele momento, quando a única coisa que pretendia comprar havia desaparecido da prateleira.

Olhou para cima.

— Tem mais ali — disse ela.

Ele acompanhou o gesto.

— Eu sei.

Ela continuou empurrando o carrinho.

Ele ficou.

Pegou um dos pacotes da prateleira de cima, examinou-o dos dois lados e devolveu-o ao lugar.

Depois foi embora.

No corredor seguinte, ela parou diante dos produtos de limpeza.

Havia esquecido o que procurava.

Ficou alguns segundos olhando para uma fileira de frascos coloridos. Um deles prometia alguma coisa relacionada à gordura. Outro dizia proteger as mãos. Um terceiro tinha uma fotografia de uma cozinha tão limpa que parecia nunca ter sido usada.

Ela não precisava de nenhum deles.

Empurrou o carrinho.

Na metade do corredor, percebeu que ainda segurava o pacote.

Parou.

Olhou para a marca.

Não era a que costumava comprar.

Voltou.

Ele já não estava diante da prateleira.

Ela procurou com os olhos entre as pessoas que passavam, embora não soubesse por que o procurava.

Não o encontrou.

Deu de ombros e continuou.

No caixa, quando abriu a bolsa para procurar a carteira, encontrou a lista de compras dobrada no bolso menor.

A lista começava com o produto que havia acabado de comprar.

O nome estava riscado.

Ela não se lembrava de tê-lo riscado.

Pagou.

Na saída, chovia.

Não era uma chuva forte. Era aquela chuva que parecia não ter decidido ainda se deveria começar de verdade. As pessoas permaneciam sob a marquise, olhando para a rua como se esperassem uma autorização.

Ela abriu a bolsa.

Não tinha guarda-chuva.

O homem estava a alguns metros, parado junto à coluna da entrada.

Ela o reconheceu pelo pacote que carregava.

Não era o mesmo.

— Você comprou outro?

Ele olhou para o pacote.

— O quê?

Ela apontou.

— O produto.

Ele demorou um pouco para entender.

— Ah.

— Você não queria aquele?

— Não.

— Então por que comprou?

Ele olhou para ela.

— Porque precisava.

Ela sorriu.

— Eu também.

Foi a primeira vez que ele sorriu.

Não foi um sorriso largo. Apenas uma pequena alteração no rosto, quase uma admissão.

A chuva engrossou.

Ela olhou para a rua.

— Você trouxe guarda-chuva?

— Não.

— Então estamos com um problema.

— Não necessariamente.

Ela esperou.

Ele abriu o saco plástico que carregava e tirou um guarda-chuva pequeno.

Ela olhou para o guarda-chuva.

Depois para ele.

— Você disse que não trouxe.

— Eu disse que não precisava.

— É diferente.

— É.

Ele abriu o guarda-chuva.

Era pequeno demais para duas pessoas.

Ela percebeu isso antes dele.

Ou talvez ele tivesse percebido antes e estivesse apenas esperando que ela dissesse.

— Dá para chegar até o estacionamento — disse ele.

— O meu carro está longe.

— O meu também.

Ela riu.

— Então não resolve.

Ele fechou o guarda-chuva.

— Não.

Ficaram os dois sob a marquise.

A chuva agora caía com força suficiente para fazer a água saltar da sarjeta.

Ela apertou o pacote contra o corpo para protegê-lo, embora ele estivesse dentro de uma embalagem plástica.

— Você mora por aqui?

Ele respondeu que sim.

Ela perguntou onde.

Ele apontou para uma direção.

Ela conhecia a rua.

Disse o nome de uma padaria que ficava perto.

Ele conhecia.

A padaria tinha mudado de dono havia dois anos.

Ela não sabia.

Ele sabia por que comprava pão ali aos domingos.

Ela disse que nunca ia aos domingos.

Ele perguntou quando ela ia.

— Quando preciso.

— Então provavelmente nunca nos encontramos.

Ela olhou para ele.

— Provavelmente.

A chuva começou a diminuir.

As pessoas foram saindo da marquise uma a uma.

Ela abriu a bolsa outra vez e procurou a chave do carro.

Encontrou.

— Onde está o seu?

Ele apontou para o estacionamento.

— O meu também.

— Então vamos.

Ela deu um passo em direção à chuva.

Ele abriu o guarda-chuva.

— Você quer?

Ela olhou para o guarda-chuva.

— Para quê?

— Para chegar até o carro.

— Não cabe.

— Cabe.

— Não cabe.

Ele abriu mais o braço, afastando o cabo para um lado.

— Agora cabe.

Ela ficou alguns segundos parada.

Depois entrou sob o guarda-chuva.

O espaço entre os dois era pequeno, mas nenhum deles encostava no outro.

Andaram.

A chuva batia no tecido acima deles com um ruído contínuo.

Ela segurava o pacote junto ao peito.

Ele segurava o guarda-chuva.

No primeiro cruzamento entre os corredores do estacionamento, ela percebeu que estavam indo em direções diferentes.

— O meu é para lá.

Ele parou.

— O meu também.

— Então...

Ela apontou para a direita.

Ele apontou para a esquerda.

Ficaram olhando um para o outro.

— Seu carro está onde?

Ela disse o número da vaga.

Ele disse outro.

Eram próximos.

— O meu é ali.

— O meu também.

Ela riu.

— Você já disse isso.

— Eu sei.

Foram até os carros.

O dela estava na segunda fileira.

O dele, na terceira.

Antes de se separarem, ela disse:

— Obrigada.

— Pelo quê?

Ela pensou.

— Pela chuva.

Ele não entendeu.

Ela também não.

— Quer dizer... pelo guarda-chuva.

— Ah.

Ela abriu a porta do carro.

— Boa noite.

— Boa noite.

Entrou.

Ele ficou parado por um instante, com o guarda-chuva fechado na mão.

Ela ligou o carro.

Antes de sair, olhou pelo retrovisor.

Ele ainda estava ali.

Não olhava para o carro.

Procurava alguma coisa no bolso.

Ela saiu.

No caminho para casa, percebeu que havia esquecido o detergente.

Também percebeu que comprara o café errado.

Na lista, o detergente estava marcado duas vezes.

O café, nenhuma.

Chegou em casa, estacionou e ficou dentro do carro sem desligar o motor.

A chuva havia parado.

Pensou em voltar ao supermercado.

Não voltou.

Levou as sacolas para dentro.

Na cozinha, colocou o pacote sobre a mesa.

Abriu a geladeira.

Não havia lugar.

Tirou duas coisas que estavam vencidas e jogou fora.

Depois guardou o pacote.

Ficou olhando para o armário.

Não sabia por que estava olhando.

Fechou a porta.

No quarto, colocou a bolsa sobre a cadeira.

Tirou a lista do bolso.

Abriu.

O nome do produto continuava riscado.

Ela aproximou o papel do rosto.

A letra era dela.

Não havia dúvida.

Tentou lembrar quando o riscaria.

Não conseguiu.

Dobrou a lista novamente.

Dessa vez, colocou-a sobre a mesa de cabeceira.

Na manhã seguinte, acordou antes do despertador.

Não havia sonhado com o supermercado.

Pelo menos não se lembrava.

Preparou café.

Abriu o armário.

Pegou o pacote errado.

Ficou olhando para ele.

Depois preparou assim mesmo.

O café ficou mais forte do que de costume.

Bebeu.

Não era ruim.

Era apenas diferente.

Às nove e quinze, recebeu uma mensagem.

Era da irmã.

Perguntava se ela poderia passar no supermercado antes de ir ao trabalho.

Precisava de algumas coisas.

Ela respondeu que sim.

A irmã enviou uma lista.

Ela leu.

Havia, entre outras coisas, o mesmo produto que havia comprado na noite anterior.

Ficou alguns segundos olhando para o nome.

Depois respondeu:

"Já tenho."

Apagou.

Escreveu:

"Pode deixar."

Enviou.

Às cinco e quarenta, voltou ao supermercado.

Não sabia que ele também voltaria.

Naquela tarde, ele tinha esquecido de comprar o detergente.

Só percebeu quando chegou em casa.

Olhou para a pia.

Havia um prato dentro dela.

Depois outro.

E uma panela.

Pensou em deixar para o dia seguinte.

Lavou os três.

No fim, lembrou do supermercado.

Vestiu a mesma camisa que usara no dia anterior, porque a outra ainda estava no cesto de roupa.

Antes de sair, procurou o guarda-chuva.

Não estava onde costumava ficar.

Abriu o armário da entrada.

Encontrou-o atrás de um par de sapatos.

Pensou em levá-lo.

Não levou.

No estacionamento, procurou a vaga de costume.

Estava ocupada.

Deu uma volta.

Encontrou outra.

Entrou no supermercado.

Foi direto ao corredor dos produtos de limpeza.

Depois percebeu que precisava de alguma coisa para o jantar.

Pegou um carrinho.

Parou diante da prateleira.

Havia dois pacotes da mesma marca.

Um em cima.

Outro embaixo.

Estendeu a mão para o de baixo.

Parou.

Não sabia por quê.

Pegou o de cima.

Colocou no carrinho.

Continuou andando.

No corredor seguinte, ouviu alguém dizer:

— Com licença.

Ele se afastou.

Era ela.

O carrinho passou entre os dois.

Nenhum dos dois se reconheceu.

Ainda.

II

Na terça-feira, Georgia voltou ao supermercado.

Não precisava voltar.

Precisava do detergente, é verdade, mas havia três supermercados mais perto de casa. Um deles ficava a quatro minutos de carro. O outro tinha estacionamento coberto. O terceiro era menor e quase nunca estava cheio.

Ela escolheu aquele.

Não pensou muito sobre isso.

Ou pensou, mas de um jeito que não chegou a formar uma decisão.

Entrou pela porta automática e pegou um carrinho.

Na entrada havia uma pilha de sacos reutilizáveis. Georgia parou diante deles. Tinha alguns em casa, embora nunca soubesse onde estavam. Pegou um azul, olhou o preço e devolveu.

Passou pelo setor de frutas.

Na semana anterior havia comprado bananas demais.

Agora havia duas amadurecendo na fruteira.

Pegou quatro.

Depois devolveu duas.

Ficou com três.

Não havia nenhuma razão para três.

Continuou.

O supermercado estava mais vazio do que no sábado. Havia uma senhora escolhendo tomates, um homem falando ao telefone diante das bebidas e uma criança sentada no carrinho enquanto a mãe comparava duas marcas de biscoito.

Georgia passou pelo corredor dos produtos de limpeza sem olhar para a prateleira.

Foi buscar o detergente.

Pegou o primeiro que encontrou.

Depois voltou dois passos.

Pegou outro.

Leu os dois rótulos.

Um dizia que removia gordura.

O outro também.

Escolheu o segundo.

Quando colocou o frasco no carrinho, ouviu alguém atrás dela:

— Esse é bom.

Ela virou.

Era Oscar.

Por um segundo, nenhum dos dois pareceu reconhecer o outro.

Depois reconheceram.

— Você — disse Georgia.

Ele sorriu.

— Eu.

Ela olhou para o detergente.

— Então você conhece?

— Conheço o quê?

— Esse.

Oscar olhou para o frasco.

— Não.

— Você acabou de dizer que é bom.

— Acho que disse.

— Então conhece.

Ele deu de ombros.

— Talvez tenha dito por dizer.

Georgia sorriu.

— Isso não é muito confiável.

— Não.

Ela colocou o detergente no carrinho.

— E o café?

Oscar franziu a testa.

— Que café?

— O errado.

Ele lembrou.

— Ah.

— Ainda está errado?

— Não sei. Tomei.

— E?

— Era café.

Ela riu.

Ele também.

Dessa vez o sorriso veio mais facilmente.

Oscar apontou para o carrinho.

— Você voltou.

— Vim comprar detergente.

— Só isso?

Ela olhou para as bananas.

— E bananas.

— Três.

Georgia olhou.

— Três.

— Por quê?

— Não sei.

Ele examinou as bananas como se pudesse encontrar uma explicação.

— É bastante.

— Para você?

— Para mim, duas já seriam muitas.

— Então você compra duas.

— Geralmente compro uma.

— Uma banana?

— Uma.

— Isso é triste.

— Por quê?

— Porque banana sozinha parece uma coisa provisória.

Oscar pensou.

— E três?

— Três parecem uma decisão.

Ele olhou novamente para as bananas.

— Talvez eu leve três.

Georgia percebeu que ele estava com as mãos vazias.

— Você não pegou carrinho.

— Ainda não.

— Então vai ficar difícil levar.

— Posso pegar.

— Pode.

Ele foi até a entrada do corredor e puxou um carrinho.

Georgia começou a andar.

Oscar acompanhou.

Não havia motivo para acompanhá-la, mas também não havia motivo para não acompanhar.

Foram até a seção de massas.

Georgia parou.

— Você cozinha?

— Às vezes.

— O quê?

— O que tiver.

— Isso não é cozinhar.

— É sobreviver.

Ela pegou um pacote de massa.

— Você mora sozinho?

Oscar demorou um instante antes de responder.

— Moro.

— Há muito tempo?

— O suficiente.

Georgia não perguntou mais.

Ele também não.

Ela escolheu uma massa e colocou no carrinho.

Oscar pegou outra.

— Essa é melhor.

— Você conhece?

— Essa eu conheço.

Georgia colocou o pacote de volta.

— Então essa.

Ele pareceu satisfeito com a escolha.

Seguiram.

No corredor dos molhos, ficaram lado a lado diante de uma prateleira cheia de potes.

— Você gosta de tomate? — perguntou Georgia.

— Gosto.

— De tomate ou de molho?

— De tomate.

— Cru?

— Também.

— Então não é a mesma coisa.

Oscar olhou para ela.

— Você faz muitas perguntas.

— Faço?

— Faz.

— Você não responde todas.

— Não.

Ela pegou um pote.

— Justo.

Foram andando.

Na seção de vinhos, Georgia reduziu a velocidade.

Oscar percebeu.

— Você vai levar?

— Não.

— Então por que parou?

— Porque estava olhando.

— Para quê?

— Para ver se queria.

— E quer?

— Não.

— Então?

— Nada.

Oscar sorriu.

— Você faz isso também.

— O quê?

— Para diante das coisas para decidir que não quer.

Georgia pensou.

— Talvez.

— Eu faço.

— Eu percebi.

Ele olhou para ela.

— Quando?

— Na primeira vez.

Ela continuou andando.

Oscar ficou alguns segundos parado.

Depois foi atrás.

Na fila do caixa, havia quatro pessoas.

Georgia entrou na terceira fila.

Oscar ficou na quarta.

Ele levantou a mão.

— Até mais.

Ela respondeu com um aceno.

Quando chegou sua vez, o caixa perguntou se queria CPF na nota.

Georgia disse que não.

Pagou.

Guardou o cartão.

Pegou as sacolas.

Na saída, procurou a chave do carro dentro da bolsa.

Não encontrou.

Colocou as sacolas no chão.

Abriu todos os bolsos.

Nada.

Voltou para o caixa.

A fila já estava maior.

Perguntou ao funcionário se alguém havia encontrado uma chave.

O funcionário perguntou como era.

Georgia descreveu.

Ele foi até uma pequena caixa atrás do balcão.

Não havia nada.

— Talvez tenha caído no estacionamento.

Ela voltou.

Procurou ao lado do carro.

Nada.

Depois no caminho até a entrada.

Nada.

Sentou-se por um instante no meio-fio.

Não sabia o que fazer.

Oscar apareceu atrás dela.

— Perdeu alguma coisa?

Ela levantou os olhos.

— A chave.

— Do carro?

— Não, de casa.

Ele sorriu.

— Ah.

Ela não sorriu.

— Não estou achando.

Oscar olhou para as sacolas.

— Você estava com ela quando saiu?

— Acho que sim.

— Você lembra de ter usado?

— Não.

— Onde estava antes de entrar?

Georgia pensou.

— No carro.

— Então talvez esteja no carro.

Ela olhou para ele.

— Sem a chave?

— Você entrou no carro para sair?

— Não.

Oscar apontou para o estacionamento.

— Você chegou de carro?

— Cheguei.

— Então a chave estava em algum lugar.

— Isso é brilhante.

Ele sorriu.

— Eu sei.

Georgia se levantou.

— Vamos procurar.

Foram juntos até o carro.

Ela abriu a porta do motorista.

A chave estava no banco.

Georgia ficou olhando.

Oscar também.

— Como?

— Você deve ter colocado aí.

— Eu não lembro.

— Ainda bem que estava aí.

Ela pegou a chave.

Fechou a porta.

— Obrigada.

— De nada.

Ela olhou para o carrinho vazio que Oscar havia deixado perto da entrada.

— Você não comprou nada.

— Não.

— Então por que veio?

Ele pareceu surpreso com a pergunta.

— Comprar alguma coisa.

— E não comprou.

— Ainda não.

— O que você queria?

Oscar pensou.

— Não lembro.

Georgia riu.

— Então nós dois viemos ao supermercado sem saber direito o que queríamos.

— Parece.

Ela abriu a porta do carro.

— Até a próxima.

Oscar fez um pequeno gesto com a cabeça.

— Até.

Georgia entrou.

Antes de fechar a porta, perguntou:

— Oscar, não é?

Ele a olhou.

— É.

— Eu sou Georgia.

— Eu sei.

Ela parou.

— Como sabe?

— Você falou com o caixa.

Ela sorriu.

— Ah.

Fechou a porta.

Oscar ficou parado no estacionamento até o carro desaparecer.

Depois voltou para dentro.

Não comprou bananas.

Comprou café.

Na prateleira, pegou a mesma marca que havia comprado no dia anterior.

Ficou olhando para o pacote.

Devolveu.

Pegou outra.

Leu o rótulo.

Não havia diferença.

Escolheu a primeira.

No caixa, perguntaram se queria CPF na nota.

Disse que sim.

Não sabia por quê.

Quando chegou em casa, colocou o café sobre a mesa.

Abriu a geladeira.

Não havia quase nada.

Pensou em voltar ao supermercado.

Não voltou.

Preparou um sanduíche.

Enquanto comia, recebeu uma mensagem de um número que não tinha salvado.

"Você esqueceu de levar as bananas."

Oscar leu duas vezes.

Respondeu:

"Não eram minhas."

Demorou alguns segundos.

Veio outra mensagem.

"Eram minhas."

Ele sorriu.

"Então você comprou três para nada."

A resposta demorou.

"Talvez."

Oscar deixou o telefone sobre a mesa.

Terminou o sanduíche.

Depois voltou ao telefone.

Não havia nova mensagem.

Abriu a geladeira.

Fechou.

Foi até a janela.

A rua estava vazia.

Voltou para a mesa.

Pegou o telefone.

Escreveu:

"Você chegou bem?"

Apagou.

Escreveu outra coisa:

"Boa noite."

Apagou também.

Colocou o telefone virado para baixo.

Ficou assim durante alguns minutos.

Depois o telefone vibrou.

Oscar não o virou imediatamente.

Esperou.

Quando finalmente olhou, havia apenas uma mensagem da operadora.

Ele deixou o telefone sobre a mesa outra vez.

Na manhã seguinte, encontrou as bananas na porta de casa.

Três.

Estavam dentro de um pequeno saco transparente.

Não havia bilhete.

Ele olhou para elas durante algum tempo.

Depois entrou.

III

Na quarta-feira, Oscar levou as bananas para o trabalho.

Não porque quisesse comê-las.

Levou porque não sabia onde colocá-las.

Deixá-las sobre a mesa da cozinha parecia uma forma de dar importância ao assunto. Guardá-las na geladeira seria pior. Colocá-las sobre a televisão não fazia sentido, embora tivesse pensado nisso.

No fim, pôs as três dentro da mochila.

No escritório, uma das bananas se amassou.

Oscar percebeu no meio da manhã, quando procurava uma caneta.

Tirou-a da mochila.

A casca estava marcada de um lado.

Ficou olhando para ela.

O telefone vibrou.

Era Georgia.

— Você está bem?

Oscar olhou para a banana.

— Estou.

— Então por que está olhando para uma banana?

Ele sorriu.

— Não sei.

A resposta chegou quase imediatamente.

— Come.

Oscar descascou a fruta.

Estava boa.

Comeu inteira.

Guardou as outras duas na gaveta.

Pouco depois, o telefone vibrou novamente.

— Lugar seguro?

Oscar olhou para a gaveta.

— Por enquanto.

— Não confio em gavetas.

— Eu confio.

— Isso explica muita coisa.

Oscar riu.

Na mesa ao lado, um colega levantou os olhos.

— Algum problema?

— Nenhum.

— Então por que está rindo?

Oscar guardou o telefone.

— Lembrei de uma coisa.

O colega voltou ao computador.

Oscar abriu a gaveta.

As duas bananas estavam intactas.

Fechou.

Na hora do almoço, levou as duas consigo.

Comeu uma.

A outra ficou na mochila.

À tarde, recebeu uma fotografia.

Era uma fotografia de duas bananas.

Georgia havia colocado as duas sobre uma mesa.

A legenda dizia:

"Confirmado."

Oscar respondeu:

"Uma foi embora."

"Espero que as outras duas estejam seguras."

"Estão."

"Você colocou onde?"

"Na gaveta."

"Lugar seguro?"

"Mais ou menos."

Georgia respondeu apenas:

"Então não."

Oscar guardou o telefone.

Não sabia por que continuava sorrindo.

Naquele mesmo dia, Georgia saiu do trabalho mais cedo.

Precisava comprar um livro.

Não sabia qual.

Entrou numa livraria pequena, percorreu as estantes e escolheu um romance que não conhecia.

Na fila do caixa, encontrou Marina.

— Você por aqui?

— Vim comprar um livro.

Marina olhou para o que ela segurava.

— Esse?

— Acho que sim.

— Você não sabe?

— Ainda não li.

Marina riu.

— Continua igual.

— Isso é bom ou ruim?

— Não sei.

Pagaram.

Na saída, Marina perguntou:

— E você? Alguma novidade?

Georgia pensou.

— Não.

— Nada?

— Nada.

Marina olhou para ela como se esperasse outra resposta.

— Está vendo alguém?

Georgia sorriu.

— Por que todo mundo pergunta isso?

— Porque você está com uma cara diferente.

— Que cara?

— Não sei.

— Então não tenho.

Marina riu.

— Está bem.

Despediu-se.

Georgia caminhou até a praça.

Sentou-se num banco.

Abriu o livro.

Leu a primeira página.

Não entendeu nada.

Leu novamente.

Continuou sem entender.

Fechou.

Pegou o telefone.

Abriu a conversa com Oscar.

Não havia mensagem.

Guardou o telefone.

Um homem passou com um cachorro muito pequeno.

Uma criança corria atrás de uma bola.

Uma mulher procurava alguma coisa dentro da bolsa.

Georgia observou os três.

Depois se levantou.

Foi embora.

No caminho para casa, recebeu uma mensagem.

"Você sabe que banana amadurece mais rápido dentro da mochila?"

Ela parou na calçada.

Respondeu:

"Uma grande descoberta."

"Você pode fazer uso dela."

"Já fiz."

"Então estamos quites."

Georgia leu a palavra novamente.

Quites.

Não havia dívida.

Não havia acordo.

Mesmo assim, aquela palavra pareceu guardar alguma coisa.

Ela escreveu:

"Estamos."

Ficou olhando para a tela.

Apagou.

Escreveu:

"Boa noite."

Enviou.

Oscar respondeu:

"Boa noite."

Georgia guardou o telefone.

Naquela noite, preparou massa.

Usou a marca que ele havia recomendado.

Não ficou melhor.

Também não ficou pior.

Enquanto comia, percebeu que havia colocado sal demais.

Pensou em mandar uma fotografia do prato.

A ideia pareceu ridícula.

Não mandou.

Lavou a louça.

Foi dormir.

Às duas e dezessete da manhã, acordou.

Não sabia por quê.

A casa estava silenciosa.

Foi até a cozinha beber água.

Passou pelo telefone.

Não olhou.

Bebeu.

Voltou para o quarto.

Deitou-se.

Pegou o telefone.

Não havia mensagens.

Colocou-o sobre a mesa.

Dormiu novamente.

Às seis e quarenta, acordou com a sensação de ter esquecido alguma coisa.

Era quinta-feira.

Tinha uma reunião às oito.

Levantou-se depressa.

Tomou banho.

Vestiu a primeira roupa que encontrou.

No elevador, percebeu que estava usando uma meia de cada cor.

Olhou para os pés.

Pensou em voltar.

Não voltou.

Na rua, começou a chover.

Pouco.

Depois mais.

Georgia entrou numa farmácia para comprar uma capa de chuva.

Havia duas pessoas na fila.

Uma delas era Oscar.

Ele também usava uma meia diferente da outra.

Ela olhou para os pés dele.

Ele olhou para os dela.

Os dois perceberam ao mesmo tempo.

— Não acredito — disse Georgia.

Oscar baixou os olhos.

— Acontece.

— Com você?

— Hoje.

Ela mostrou os pés.

— Comigo também.

— Talvez seja contagioso.

Ela riu.

A fila andou.

Oscar comprou um remédio para dor de cabeça.

Georgia comprou uma capa de chuva.

Na saída, ele segurou a porta para ela.

— Você vai para onde?

Ela disse o nome da empresa.

Ele disse que conhecia.

— Trabalha lá?

— Não.

— Então como conhece?

— Meu irmão trabalha perto.

— Ah.

Caminharam alguns metros juntos.

A chuva havia diminuído.

— Você vai ao supermercado hoje? — perguntou Oscar.

Georgia olhou para ele.

— Por quê?

— Preciso comprar algumas coisas.

— E precisa de companhia?

— Não.

Ela esperou.

— Mas poderia ter.

Oscar sorriu.

— Poderia.

Continuaram andando.

No primeiro cruzamento, ela precisava virar à esquerda.

Ele, à direita.

Pararam.

— Até mais — disse Georgia.

— Até.

Ela atravessou.

Oscar ficou na esquina.

Depois de alguns passos, Georgia olhou para trás.

Ele ainda estava parado.

Quando percebeu que ela o observava, levantou a mão.

Ela respondeu.

Seguiu.

Às sete e cinquenta e oito, chegou à reunião.

Sentou-se.

Abriu o computador.

Na tela havia uma apresentação sobre mudanças de procedimentos internos.

O gerente falou durante quarenta minutos.

Georgia tomou notas.

Na linha de baixo, sem perceber, escreveu:

"comprar bananas."

Olhou.

Riscou.

O telefone vibrou.

"Duas ou três?"

Ela ficou imóvel.

Respondeu:

"Duas."

"Por quê?"

"Porque três parecem uma decisão."

Oscar demorou alguns segundos.

"Então duas."

Georgia sorriu.

O gerente parou de falar.

— Alguma coisa engraçada?

Ela levantou os olhos.

— Não.

Ele continuou.

Às dez e vinte, Oscar entrou no supermercado.

Pegou um carrinho.

Dessa vez não olhou para a prateleira do café.

Foi direto às frutas.

Havia muitas bananas.

Escolheu duas.

Ficou com elas na mão.

Uma mulher passou ao lado.

Oscar deu espaço.

Ela agradeceu.

Ele seguiu para o corredor seguinte.

Pegou pão.

Leite.

Queijo.

Detergente.

Parou diante das massas.

Olhou para a marca que Georgia havia escolhido.

Pegou.

Depois devolveu.

Escolheu outra.

Ficou alguns segundos olhando para os dois pacotes.

Colocou os dois no carrinho.

No caixa, percebeu que havia esquecido o café.

Voltou.

O corredor estava vazio.

Pegou um pacote.

Quando se virou, viu Georgia no fim do corredor.

Ela segurava uma cesta pequena.

Os dois ficaram parados.

— Você veio — disse ela.

— Vim.

— Eu também.

Oscar olhou para a cesta.

— Poucas coisas.

— É.

— Banana?

Ela mostrou.

Duas.

Ele levantou as duas que segurava.

— Eu também.

Ela riu.

— Isso está ficando ridículo.

— O quê?

— Nada.

Foram até o caixa.

Dessa vez juntos.

Nenhum dos dois sugeriu.

A fila estava pequena.

Ela colocou a cesta no chão.

Ele pôs o carrinho atrás.

— Você sempre compra tanta coisa? — perguntou ela.

— Hoje não.

— Então por que dois pacotes de massa?

Oscar olhou para o carrinho.

— Não sei.

— Você cozinha para duas pessoas?

— Não.

Ela ficou em silêncio.

— Desculpe.

— Pelo quê?

— Perguntei demais.

— Não perguntou.

— Perguntei.

— Então pergunte.

Ela olhou para ele.

— Você mora sozinho há quanto tempo?

Oscar apoiou as mãos no carrinho.

— Seis anos.

— E gosta?

Ele pensou.

— Gosto.

— Nunca pensa em morar com alguém?

— Penso.

Ela não perguntou mais.

O caixa passou as compras.

As duas bananas ficaram por último.

O leitor não reconheceu uma delas.

O caixa tentou novamente.

Nada.

Tentou outra vez.

— Está sem código.

Pegou outra banana de uma caixa atrás do balcão.

Passou.

— Pode levar essa.

Oscar olhou para a banana.

— E a outra?

— Pode deixar.

Georgia pegou a banana que não havia sido registrada.

— Então ficamos com três.

Oscar riu.

— Você está decidindo por nós.

— Não fui eu.

— Foi a máquina.

— Melhor ainda.

Saíram do supermercado.

O estacionamento estava quase vazio.

Oscar colocou as compras no porta-malas.

Georgia fez o mesmo.

Fechou.

Ficaram ao lado dos carros.

— Você vai para casa?

— Vou.

— Eu também.

— Ótimo.

Ela sorriu.

— Ótimo o quê?

— Nada.

Entraram nos carros.

Georgia ligou o motor.

Oscar também.

Ela saiu primeiro.

Ele esperou.

Na saída do estacionamento, o semáforo estava vermelho.

Georgia parou.

Oscar parou atrás.

O sinal abriu.

Ela avançou.

Na rua seguinte, virou à esquerda.

Oscar continuou reto.

Nenhum dos dois viu.

À noite, Georgia recebeu uma mensagem.

"Cheguei."

Ela respondeu:

"Eu também."

Oscar perguntou:

"Você comprou alguma coisa que não precisava?"

Ela olhou para as compras sobre a mesa.

Havia três bananas.

Um detergente.

Uma massa.

E um livro que não queria.

Escreveu:

"Algumas."

"Eu também."

Ela perguntou:

"O quê?"

Oscar demorou.

"Não sei ainda."

Georgia leu.

Não respondeu.

Foi até a cozinha.

Guardou duas bananas.

Deixou uma sobre a mesa.

Depois mudou de ideia.

Guardou as três.

Voltou para o quarto.

Pegou o livro.

Abriu na primeira página.

Não leu.

Ficou olhando para a folha em branco.

Depois escreveu a data.

Parou.

Fechou o livro.

Na manhã seguinte, Oscar encontrou uma banana sobre a mesa da cozinha.

Não se lembrava de tê-la deixado ali.

Pegou.

Estava madura.

Comeu.

Depois foi trabalhar.

No meio da tarde, Georgia telefonou.

Ele reconheceu o número.

Atendeu.

— Alô?

Ela não falou imediatamente.

— Oscar?

— Sim.

— É a Georgia.

— Eu sei.

Ela riu.

— Eu sei que você sabe.

Houve um silêncio.

Nenhum dos dois desligou.

— Eu queria perguntar uma coisa — disse ela.

— Pergunte.

— Você sabe por que está me ligando?

Oscar olhou para a janela.

Pensou um pouco.

— Não.

Ela ficou em silêncio.

Depois disse:

— Eu também não.

Nenhum dos dois desligou.

IV

Na sexta-feira, Oscar acordou antes do despertador.

Ficou alguns segundos olhando para o teto.

Não havia nada para fazer.

Ainda assim, não voltou a dormir.

Levantou-se, foi à cozinha e preparou café.

Quando abriu a geladeira, encontrou as duas bananas.

Olhou para elas.

Ainda estavam boas.

Pegou uma.

Depois devolveu.

Não estava com fome.

Tomou café em pé.

Na mesa havia um papel com o horário de uma reunião que teria às dez.

Às nove e vinte, recebeu uma mensagem.

"Você está acordado?"

Era Georgia.

Oscar olhou para o relógio.

"Agora estou."

A resposta veio:

"Então deu certo."

"Deu certo o quê?"

"Você acordou."

Ele ficou alguns segundos olhando para a tela.

"Eu já estava acordado."

"Então eu só confirmei."

"Você costuma confirmar pessoas?"

"Não."

"Por que eu?"

Demorou.

"Não sei."

Oscar colocou o telefone sobre a mesa.

Depois pegou novamente.

"Bom dia, Georgia."

Ela respondeu:

"Bom dia, Oscar."

Era uma troca banal.

Ele guardou o telefone.

Ficou esperando alguma coisa.

Não veio.

Mesmo assim, o dia parecia ter começado de outra maneira.

Às dez, entrou na reunião.

Às dez e quinze, olhou o telefone.

Às dez e vinte, novamente.

Às dez e quarenta, não olhou.

Às onze e cinco, olhou.

Não havia mensagem.

Continuou trabalhando.

Ao meio-dia, saiu para almoçar sozinho.

Escolheu uma mesa perto da janela.

Pediu o prato do dia.

Enquanto esperava, percebeu que havia duas cadeiras vazias à sua frente.

Não pensou em Georgia.

Pensou que seria melhor sentar-se numa mesa menor.

Terminou de comer.

Pagou.

Na rua, passou por uma floricultura.

Parou.

Não entrou.

Continuou andando.

Dois quarteirões depois, voltou.

Entrou.

Havia rosas, lírios, margaridas e algumas flores que não sabia nomear.

A moça perguntou se procurava alguma coisa.

— Não.

— Posso ajudar.

— Eu estava só olhando.

Ela sorriu.

— É o que todo mundo diz.

Oscar olhou para as flores.

— Qual dessas dura mais?

A moça indicou algumas.

Ele escolheu um pequeno vaso.

— É para presente?

Oscar pensou.

— Não exatamente.

A moça não perguntou mais.

Em casa, colocou o vaso sobre a mesa.

Ficou olhando.

Depois percebeu que não havia motivo algum para ter comprado aquilo.

Pegou o telefone.

Escreveu:

"Comprei uma coisa que não precisava."

Não enviou.

Apagou.

No mesmo instante, o telefone vibrou.

"Estou pensando em você."

Oscar leu.

Não respondeu imediatamente.

Sentou-se.

Leu novamente.

Digitou:

"Isso é bom?"

Georgia demorou um pouco.

"Não sei."

Ele sorriu.

"Então estamos iguais."

"Você também está pensando em mim?"

Oscar olhou para o vaso.

Depois para a tela.

"Estou."

Dessa vez não apagou.

Georgia estava em casa.

Tinha chegado mais cedo.

Estava tirando os sapatos quando recebeu a resposta.

Sentou-se na beirada da cama.

Leu.

Não sorriu.

Ou sorriu sem perceber.

Colocou o telefone ao lado.

Ficou ali alguns minutos.

Depois se levantou.

Foi até a cozinha.

Abriu a geladeira.

Pegou uma garrafa de água.

Bebeu.

Voltou para a sala.

Sentou-se no sofá.

Pegou o telefone.

Não havia nova mensagem.

Abriu a conversa.

Voltou à mensagem anterior.

"Estou."

Leu.

Não era uma palavra extraordinária.

Mesmo assim, parecia conter mais do que deveria.

À noite, Oscar telefonou.

Ela atendeu no terceiro toque.

— Oi.

— Oi.

— Você está fazendo alguma coisa?

— Não.

— Eu também não.

Ficaram em silêncio.

— Então por que ligou? — perguntou Georgia.

— Não sei.

Ela riu.

— Você está começando a repetir isso.

— O quê?

— "Não sei."

— Talvez eu não saiba.

— Talvez.

Outro silêncio.

Dessa vez nenhum dos dois pareceu incomodado.

Georgia estava deitada no sofá.

Oscar estava sentado à mesa.

A ligação permanecia aberta.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

— Olhando para uma flor.

— Que flor?

— Não sei.

— Você comprou uma flor que não sabe o nome?

— Comprei.

— Por quê?

— Não sei.

Ela riu novamente.

— Está ficando impossível conversar com você.

— Você pode desligar.

— Posso.

Nenhum dos dois desligou.

— E você? — perguntou Oscar.

— Estou deitada.

— Onde?

— No sofá.

— É confortável?

— Muito.

— Então está tudo bem.

— Não necessariamente.

Oscar esperou.

— Por quê?

— Porque agora vou ter que levantar-me para fazer alguma coisa.

— O quê?

— Não sei.

— Você também.

— Também o quê?

— Está usando "não sei".

Ela riu.

— É contagioso.

Conversaram por quase uma hora.

Não disseram nada que pudessem repetir no dia seguinte.

Falaram de coisas que haviam visto na rua.

De um restaurante que nenhum dos dois conhecia.

De uma professora de literatura que Georgia tivera no colégio.

De uma viagem que Oscar fizera muitos anos antes.

Ela perguntou se ele gostava de viajar sozinho.

— Às vezes.

— E acompanhado?

— Nunca fui muito bom nisso.

— Por quê?

— Porque sempre tem alguém querendo ir para outro lugar.

— E você?

— Também quero.

— Então qual é o problema?

— Talvez nenhum.

Ela ficou quieta.

— Você pensa demais — disse.

— Você pergunta demais.

— Já chegamos a essa conclusão.

— Então estamos avançando.

Ela riu.

Quando desligaram, já passava das onze.

Georgia colocou o telefone sobre a mesa.

Levantou-se.

Foi escovar os dentes.

Voltou.

Olhou para o telefone.

Não havia mensagem.

Dormiu.

Na manhã seguinte, encontrou uma fotografia.

Era o pequeno vaso sobre a mesa de Oscar.

A flor aparecia apenas parcialmente.

A legenda dizia:

"Ela ainda está viva."

Georgia respondeu:

"Isso é um pedido de socorro?"

"Talvez."

"Regue."

"Já reguei."

"Então ela está melhor do que nós."

Oscar demorou.

"Você acha que estamos mal?"

Georgia leu a frase.

Não respondeu.

Colocou o telefone no bolso.

Era sábado.

Tinha combinado de encontrar Marina para almoçar.

Foi.

Marina chegou atrasada.

— Desculpe.

— Tudo bem.

— Você parece distraída.

— Estou?

— Está.

Georgia sorriu.

— Talvez.

Marina a observou.

— É alguém?

Georgia mexeu no guardanapo.

— Alguém o quê?

— Alguém.

— Não sei.

Marina riu.

— Você está com cara de quem sabe.

— Não sei mesmo.

— Então é alguém.

Georgia não respondeu.

O almoço chegou.

Conversaram sobre trabalho, sobre pessoas conhecidas, sobre uma viagem que Marina queria fazer.

Quando se despediram, Marina abraçou Georgia.

— Depois me conta.

— O quê?

— Você sabe.

Georgia sorriu.

— Talvez.

Caminhou até o carro.

Antes de entrar, recebeu uma mensagem.

"Estou no supermercado."

Ela olhou.

"Por quê?"

"Porque preciso de detergente."

"Você já comprou."

"Acabou."

"Há uma semana você comprou."

"Então acabou rápido."

"Você está mentindo."

"Talvez."

Georgia ficou olhando para a mensagem.

"Quer companhia?"

A resposta veio:

"Quero."

Ela entrou no carro.

No caminho, pensou que aquilo era muito simples.

Era justamente o que a incomodava.

Não havia nenhuma razão para que um pedido tão pequeno tivesse produzido aquela alegria.

Chegou ao supermercado.

Oscar estava na entrada.

Não tinha carrinho.

— Você realmente veio comprar detergente?

— Vim.

— E onde está o carrinho?

— Ainda não peguei.

— Você não aprende.

— O quê?

— Nada.

Entraram.

Dessa vez não foram direto ao corredor dos produtos de limpeza.

Passaram pelas frutas.

Oscar pegou duas bananas.

Georgia olhou.

— De novo?

— Duas.

— Aprendeu.

— Você disse que três eram uma decisão.

— E duas?

— Duas são prudência.

— Não sabia que você era prudente.

— Nem eu.

Ela pegou uma terceira banana.

Oscar olhou.

— Você está fazendo isso de propósito.

— Estou.

— Por quê?

— Não sei.

Ele riu.

Foram andando.

No corredor dos cafés, Georgia parou.

— Qual você compra?

Oscar mostrou.

— Esse.

Ela pegou o pacote.

— O mesmo?

— O mesmo.

— Você não gostou do outro?

— Gostei.

— Então por que mudou?

— Porque você disse que esse era ruim.

— Eu nunca disse.

— Disse no primeiro dia.

Georgia tentou lembrar.

— Não disse.

— Disse.

— Você está inventando.

— Talvez.

Ela colocou o pacote no carrinho.

— Então leva os dois.

— Por quê?

— Para resolver a dúvida.

— Você gosta de resolver dúvidas.

— Não.

— Gosta.

— Não gosto.

— Gosta.

Ela olhou para ele.

— Você está começando a me conhecer demais.

Oscar ficou em silêncio.

Ela também.

Continuaram andando.

No corredor das massas, ele pegou um pacote.

Georgia disse:

— Essa não.

— Por quê?

— É ruim.

— Você já comeu?

— Não.

— Então como sabe?

— Não sei.

Ele devolveu.

Pegou a outra.

— Essa?

— Essa.

— Tem certeza?

— Não.

— Ótimo.

Colocou no carrinho.

Na seção de vinhos, nenhum dos dois parou.

Passaram adiante.

No caixa, havia uma fila longa.

Georgia colocou as bananas sobre a esteira.

Oscar colocou o detergente.

Depois o café.

Depois a massa.

— Você esqueceu alguma coisa — disse ela.

— O quê?

— O vinho.

— Você queria?

— Não.

— Então não esqueci.

— Talvez.

Ele sorriu.

Pagaram.

Saíram com as sacolas.

No estacionamento, Georgia percebeu que não queria ir embora ainda.

Oscar também.

Ficaram ao lado dos carros.

— Você tem alguma coisa para fazer? — perguntou ele.

— Não.

— Eu também não.

— Isso é perigoso.

— Por quê?

— Porque podemos continuar aqui sem motivo.

— E isso seria ruim?

Ela olhou para o estacionamento.

— Não.

Oscar abriu o porta-malas.

Colocou as compras.

Fechou.

— Vamos tomar um café?

— Agora?

— Agora.

— Onde?

— Conheço um lugar.

— Você conhece?

— Conheço.

— É bom?

— É.

— Você tem certeza?

— Não.

Ela sorriu.

— Então vamos.

O café ficava a quinze minutos dali.

Era pequeno.

Havia poucas mesas.

Sentaram-se perto da janela.

Oscar pediu café.

Georgia pediu chá.

Depois trocaram de ideia.

O garçom olhou para os dois.

— Então dois cafés?

— Dois cafés — disse Oscar.

Georgia riu.

— Você decidiu por mim.

— Desculpe.

— Não.

Ela olhou pela janela.

Na calçada, uma mulher caminhava segurando uma criança pela mão.

Um homem passou correndo.

Um ônibus parou.

As portas abriram.

Fecharam.

O ônibus foi embora.

— Você gosta de ficar olhando? — perguntou Oscar.

— O quê?

— As pessoas.

— Às vezes.

— Por quê?

Georgia pensou.

— Porque elas não sabem que estão sendo observadas.

— E isso é importante?

— Talvez.

— Você observa muito?

— Não sei.

Oscar sorriu.

— De novo.

Ela olhou para ele.

— Você também está fazendo isso.

— O quê?

— Me observando.

Ele não respondeu.

O café chegou.

Tomaram em silêncio.

Não era um silêncio difícil.

Era quase confortável.

Depois de algum tempo, Georgia disse:

— Você estava certo.

— Sobre o quê?

— O café.

— Eu falei.

— Não se acostume.

— Tarde demais.

Ela levantou os olhos.

Ele também.

Por alguns segundos, nenhum dos dois disse nada.

Depois Georgia sorriu.

— Você é convencido.

— Às vezes.

— E estranho.

— Também.

— E compra flores que não sabe nomear.

— Isso é grave?

— Ainda não.

Ela tomou mais um gole.

— Você vai fazer alguma coisa hoje à noite?

Oscar pensou.

— Não.

— Eu também não.

Ele esperou.

Ela esperou.

Nenhum dos dois completou a frase.

O garçom trouxe a conta.

Pagaram.

Na porta, ficaram novamente sem saber para que lado ir.

— Então... — disse Oscar.

— Então.

— Boa noite?

— Ainda é cedo.

Ele olhou o relógio.

— É verdade.

— Podemos andar um pouco.

Andaram.

Sem destino.

Passaram por uma praça.

Depois por uma rua mais estreita.

Entraram numa loja de discos que estava quase fechando.

Ficaram ali durante vinte minutos.

Oscar encontrou um disco que procurava havia anos.

Georgia encontrou outro que conhecia.

Não compraram nenhum.

Saíram.

Já estava escuro.

Na esquina, pararam.

— Agora é boa noite — disse Georgia.

— Agora.

Ela se aproximou para abraçá-lo.

Foi um abraço breve.

Nenhum dos dois pareceu saber exatamente quando começou.

Quando terminou, permaneceram próximos por um instante.

Depois se afastaram.

— Até amanhã? — perguntou Oscar.

Georgia pensou.

— Talvez.

— Você gosta dessa palavra.

— Qual?

— Talvez.

Ela sorriu.

— Talvez eu goste.

Cada um seguiu para um lado.

Oscar caminhou até o carro.

Georgia fez o mesmo.

Nenhum dos dois olhou para trás.

Mas, antes de ligar o motor, Georgia pegou o telefone.

Abriu a conversa.

Escreveu:

"Gostei de hoje."

Ficou olhando.

Não enviou.

Oscar, dentro do próprio carro, fez exatamente a mesma coisa.

Escreveu:

"Gostei de hoje."

Também não enviou.

Os dois guardaram os telefones.

Ligaram os motores.

E foram embora.

Naquela noite, nenhum deles recebeu mensagem.

Ainda assim, os dois dormiram melhor.

V

No domingo, Georgia acordou às nove.

Não costumava dormir até tão tarde.

Ficou alguns minutos na cama, olhando para a luz que entrava pela janela.

Pegou o telefone.

Não havia mensagem.

Não ficou decepcionada.

Pelo menos foi o que pensou.

Levantou-se.

Fez café.

Abriu a janela da cozinha.

O domingo estava silencioso.

Havia uma bicicleta encostada no muro da casa em frente.

Um homem lavava o carro.

Uma mulher sacudia um tapete.

Georgia ficou olhando.

Depois fechou a janela.

Às dez e quinze, o telefone vibrou.

"Bom dia."

Ela sorriu antes de abrir.

"Bom dia."

"Dormiu bem?"

"Sim. E você?"

"Também."

Esperou.

Nada mais.

Georgia colocou o telefone sobre a mesa.

Pegou a xícara.

Tomou um gole.

O telefone permaneceu quieto.

Ela se levantou.

Foi até o quarto.

Arrumou a cama.

Voltou.

Nada.

Abriu a geladeira.

Havia leite.

Pegou.

Colocou sobre a mesa.

Não precisava.

Sentou-se.

O telefone vibrou.

"Você vai fazer alguma coisa hoje?"

Ela respondeu:

"Não sei."

"Então já somos dois."

"Você quer fazer alguma coisa?"

A resposta demorou.

"Quero."

Georgia esperou.

Apareceu a indicação de que ele estava escrevendo.

Desapareceu.

Voltou.

Desapareceu novamente.

Por fim:

"Posso passar aí?"

Ela ficou olhando para a tela.

"Pode."

Mandou o endereço.

Depois percebeu que havia enviado também o número do apartamento.

Não havia necessidade.

Ele já sabia onde morava.

Apagou a observação que começara a escrever.

"Você não precisa..."

Não enviou.

Foi tomar banho.

Escolheu uma roupa.

Trocou.

Escolheu outra.

Trocou novamente.

Parou diante do espelho.

Não havia nada de diferente.

Voltou para a sala.

Às onze e quarenta, ouviu o elevador.

Depois passos no corredor.

Uma batida na porta.

Georgia abriu.

Oscar estava com uma sacola de papel.

— Oi.

— Oi.

— Trouxe café.

— Você não sabia se eu queria.

— Trouxe mesmo assim.

Ela pegou a sacola.

— O que é?

— O café que você gostou.

— Eu gostei?

— Você disse que gostou.

— Eu não lembro.

— Eu lembro.

Ela abriu a sacola.

Havia dois copos.

— Você trouxe dois.

— Um para você.

— E o outro?

— Para mim.

— Prudente.

— Aprendi.

Ela riu.

Oscar entrou.

Ficou alguns segundos parado na sala.

— Posso?

— Você já entrou.

— É verdade.

Sentaram-se.

Por alguns minutos, falaram sobre nada.

O café estava quente.

Georgia segurou o copo com as duas mãos.

Oscar olhou para a janela.

— Você sempre fica assim?

— Assim como?

— Olhando para fora.

— Às vezes.

— O que você procura?

— Nada.

Ele sorriu.

— Isso é uma resposta?

— É.

— Então está bem.

Ficaram em silêncio.

Georgia olhou para ele.

— Você está confortável?

— Estou.

— Eu também.

Ela apoiou a cabeça no encosto do sofá.

— Isso é estranho.

— O quê?

— Você estar aqui.

Oscar olhou para ela.

— É ruim?

— Não.

— Então?

— Só estranho.

— Para mim também.

Ela sorriu.

— Você costuma entrar na casa de pessoas que conheceu há poucos dias?

— Não.

— Então por que entrou?

Oscar olhou para o copo.

— Porque você abriu a porta.

Georgia ficou em silêncio.

Depois riu.

— Isso foi quase inteligente.

— Quase?

— Não se empolgue.

Ele riu.

Ficaram ali durante algum tempo.

Ela mostrou alguns livros.

Ele mostrou uma fotografia antiga que tinha no telefone.

Falou do lugar onde havia sido tirada.

Georgia perguntou se ele voltaria.

— Não sei.

— Você sempre responde isso?

— Ultimamente.

— Então talvez eu esteja fazendo perguntas demais.

— Talvez.

Ela pegou um livro da estante.

— Esse você leu?

— Não.

— Então por que está aqui?

— Porque alguém me deu.

— E você não leu?

— Ainda não.

Georgia colocou o livro de volta.

— Você guarda muita coisa para depois.

Oscar olhou para ela.

— Você também.

Ela não respondeu.

O telefone dele vibrou.

Oscar olhou.

A expressão mudou ligeiramente.

Georgia percebeu.

— Algum problema?

— Não.

Ele guardou o telefone.

— Tem certeza?

— Tenho.

Pouco depois, levantou-se.

— Preciso ir.

Georgia ficou surpresa.

— Agora?

— Tenho uma coisa para resolver.

— Claro.

Ele pegou a jaqueta.

— Desculpe.

— Não precisa.

— Eu volto a ligar.

Ela sorriu.

— Está bem.

Oscar foi até a porta.

Antes de sair, voltou-se.

— Obrigado pelo café.

Georgia riu.

— Foi você que trouxe.

— É verdade.

Ele saiu.

Ela fechou a porta.

Ficou alguns segundos encostada nela.

Depois voltou para a sala.

Os dois copos estavam sobre a mesa.

Um ainda pela metade.

Georgia pegou o copo de Oscar.

Pensou em jogar o café fora.

Não jogou.

Sentou-se.

Tomou um pequeno gole.

Estava frio.

À tarde, Oscar não ligou.

Georgia não esperava.

Pelo menos foi o que disse a si mesma.

Leu durante meia hora.

Não entendeu o que estava lendo.

Assistiu a um filme.

Parou no meio.

Lavou roupa.

Arrumou uma gaveta.

Encontrou um par de brincos que julgava perdido.

Guardou.

Às seis, o telefone vibrou.

"Desculpe por ter saído daquele jeito."

Ela respondeu:

"Tudo bem."

"Não foi por você."

Georgia leu.

"Eu sei."

Ficou esperando.

Não veio mais nada.

Às sete e meia, ela escreveu:

"Está tudo bem mesmo?"

Apagou.

Escreveu:

"Espero que tenha resolvido."

Apagou.

Por fim, não escreveu nada.

Naquela mesma hora, Oscar estava sentado no carro.

O telefone estava no banco ao lado.

A mensagem dela ainda estava aberta.

"Eu sei."

Ele leu.

Depois fechou.

Não queria que ela soubesse.

Não ainda.

Não era nada que dissesse respeito a ela.

Pelo menos era o que acreditava.

Ligou o carro.

Dirigiu até a casa da mãe.

Ficou lá durante duas horas.

Quando saiu, já estava escuro.

Parou num posto para abastecer.

Entrou na loja.

Comprou água.

Na saída, viu uma pequena caixa de chocolates.

Pegou.

Depois devolveu.

Pegou novamente.

Pagou.

No carro, ficou olhando para a caixa.

Não havia razão para tê-la comprado.

Na manhã seguinte, levou os chocolates para o trabalho.

Não os abriu.

Às dez e vinte, recebeu uma mensagem de Georgia.

"Bom dia."

Respondeu:

"Bom dia."

Ela perguntou:

"Tudo resolvido?"

Oscar demorou.

"Sim."

"Que bom."

Ele esperou.

Nada mais.

Às onze, recebeu outra mensagem.

"Você está estranho."

Oscar sorriu.

"Você também."

"Eu não."

"Está."

"Por quê?"

"Não sei."

Ela respondeu:

"Você está usando isso contra mim."

"Talvez."

"Não vale."

"Vale."

Georgia ficou olhando para a tela.

Escreveu:

"Você vai me contar o que aconteceu?"

Oscar leu.

Não respondeu.

Guardou o telefone.

Voltou ao trabalho.

Meia hora depois, abriu a conversa novamente.

Escreveu:

"Minha mãe não está bem."

Parou.

Apagou.

Escreveu:

"Fui ver minha mãe."

Enviou.

Georgia respondeu quase imediatamente:

"Ela está bem?"

Oscar demorou.

"Não muito."

"Você quer falar?"

Ele olhou para a pergunta.

Queria.

Não queria.

Queria e não queria ao mesmo tempo.

"Agora não."

Ela respondeu:

"Está bem."

E não perguntou mais.

Oscar colocou o telefone sobre a mesa.

Ficou alguns segundos olhando para ele.

Depois abriu a gaveta.

Os chocolates estavam ali.

Pegou a caixa.

Guardou na mochila.

Às cinco e quarenta, recebeu uma mensagem.

"Se quiser companhia, estou por aqui."

Oscar leu.

Não respondeu.

Às seis e dez, Georgia estava no supermercado.

Não precisava comprar nada.

Entrou assim mesmo.

Pegou um carrinho.

Passou pelas frutas.

Viu as bananas.

Não pegou nenhuma.

Seguiu.

No corredor dos cafés, parou.

Olhou para as duas marcas.

Pegou uma.

Depois a outra.

Ficou com as duas nas mãos.

Uma senhora passou ao lado.

Georgia deu espaço.

A mulher agradeceu.

Georgia colocou os dois pacotes no carrinho.

Depois devolveu um.

Continuou.

No corredor dos produtos de limpeza, pegou detergente.

Era o mesmo que Oscar havia escolhido.

Olhou para o frasco.

Colocou no carrinho.

Na fila do caixa, percebeu que não tinha levado metade do que pretendia.

Pagou.

Saiu.

No estacionamento, ficou alguns segundos dentro do carro sem ligar o motor.

Pegou o telefone.

Abriu a conversa.

A última mensagem continuava sem resposta.

"Se quiser companhia, estou por aqui."

Georgia pensou em escrever novamente.

Não escreveu.

Ligou o carro.

Foi para casa.

Oscar chegou pouco depois das sete.

Colocou a mochila sobre a cadeira.

Tirou a caixa de chocolates.

Deixou sobre a mesa.

Foi tomar banho.

Quando voltou, havia uma mensagem de Georgia.

"Boa noite."

Ele ficou olhando.

Respondeu:

"Boa noite."

Depois, antes que pudesse pensar melhor, escreveu:

"Obrigado."

Ela respondeu:

"Não precisa."

Oscar sentou-se.

Ficou olhando para a caixa.

Abriu.

Havia seis chocolates.

Comeu um.

Não gostou.

Comeu outro.

Também não.

Fechou a caixa.

No dia seguinte, levaria os cinco restantes para o trabalho.

Ou talvez não.

Antes de dormir, recebeu mais uma mensagem.

"E Oscar?"

Ele respondeu:

"Sim?"

"Quando quiser falar, eu escuto."

Ele não respondeu.

Não porque não quisesse.

Porque, pela primeira vez desde que a conhecera, percebeu que havia alguma coisa que precisava guardar por algum tempo.

Não para esconder dela.

Para conseguir dizê-la.

Colocou o telefone sobre a mesa.

Virou-o com a tela para baixo.

No outro quarto, Georgia fez exatamente a mesma coisa.

E os dois dormiram sem saber que, naquela noite, tinham feito a mesma coisa pela primeira vez.

VI

Na terça-feira, Georgia não mandou mensagem.

Não havia decidido não mandar.

Simplesmente não mandou.

Acordou, tomou café, saiu de casa.

No meio da manhã, lembrou-se de Oscar.

Não como quem se lembra de alguém.

Como quem percebe que havia esquecido alguma coisa.

Olhou o telefone.

Nada.

Guardou.

Continuou trabalhando.

Às onze e meia, recebeu uma mensagem de Marina.

"Almoço?"

Georgia respondeu que sim.

Encontraram-se num restaurante pequeno, perto do trabalho.

Marina falava sobre uma viagem.

Georgia ouvia.

De vez em quando, respondia.

— Você está longe — disse Marina.

— Estou aqui.

— Seu corpo está.

Georgia sorriu.

— Isso é uma acusação?

— Ainda não.

Comeram.

Marina perguntou:

— E ele?

Georgia demorou.

— Quem?

— O homem que você não conhece há tempo suficiente para já estar perguntando por ele.

Georgia riu.

— Oscar.

— Então você sabe quem é.

— Sei.

— Como está?

— Não sei.

— Vocês brigaram?

— Não.

— Então?

— A mãe dele não está bem.

Marina pousou o garfo.

— Ah.

— Ele não quer falar muito.

— E você?

— Eu não quero perguntar.

— Por quê?

Georgia pensou.

— Porque ele disse que não queria falar.

Marina assentiu.

— Justo.

Depois voltou ao prato.

— Você está preocupada.

— Um pouco.

— Você gosta dele.

Georgia olhou para ela.

— Acho que sim.

Marina não respondeu.

Foi uma resposta suficiente.

À tarde, Georgia recebeu uma mensagem.

"Desculpe."

Só isso.

Ela ficou olhando.

Escreveu:

"Tudo bem."

Apagou.

Escreveu:

"Como ela está?"

Apagou.

Escreveu:

"Não precisa pedir desculpas."

Enviou.

Oscar demorou quase uma hora para responder.

"Eu sei."

Georgia leu.

Não escreveu mais.

Naquela noite, ele ligou.

— Oi.

— Oi.

A voz dele parecia diferente.

Não mais triste.

Mais cansada.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Estou.

Ela esperou.

— E você?

— Estou.

Outro silêncio.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Pode.

— Você está mesmo bem?

Oscar respirou fundo.

— Não muito.

Georgia não disse nada.

— Minha mãe está no hospital.

Ela fechou os olhos.

— Oscar...

— Não é grave. Pelo menos não disseram que é.

— Você está com ela?

— Estive hoje.

— E agora?

— Estou em casa.

— Sozinho?

— Sim.

Georgia olhou para a janela.

— Quer que eu vá aí?

Ele ficou quieto.

O silêncio demorou mais do que deveria.

— Não.

Ela não respondeu.

— Desculpe — disse ele.

— Não precisa.

— Eu não quero que você me veja assim.

Georgia sentiu uma pequena irritação.

Não contra ele.

Contra a frase.

— Assim como?

— Não sei.

— Você acabou de usar isso contra mim.

Ele riu baixinho.

— É verdade.

— Você não precisa estar de nenhum jeito para eu te ver.

Oscar ficou em silêncio.

Dessa vez Georgia não tentou preencher.

— Obrigado — disse ele.

— Pelo quê?

— Por não perguntar mais.

Ela sorriu.

— Você não me pediu isso.

— Mas você entendeu.

— Talvez.

Ele riu.

Foi a primeira vez que a conversa pareceu novamente com eles.

— Você está cansada? — perguntou Oscar.

— Um pouco.

— Então vai dormir.

— Você também.

— Vou tentar.

— Boa noite.

— Boa noite, Georgia.

Ela esperou alguns segundos depois que a ligação terminou.

Não havia mais nada a fazer.

Foi para a cozinha.

Lavou uma xícara.

Depois outra.

Secou as duas.

Guardou.

Voltou para a sala.

O livro que havia começado no domingo estava sobre o sofá.

Pegou.

Leu duas páginas.

Parou.

Olhou o telefone.

Nada.

Na quarta-feira, Oscar não apareceu.

Na quinta, também não.

Na sexta-feira, Georgia percebeu que havia passado três dias sem vê-lo.

Não era muito tempo.

Mas já parecia.

Na manhã de sábado, recebeu uma mensagem.

"Ela teve alta."

Georgia leu duas vezes.

"Que bom."

"Sim."

"Está em casa?"

"Está."

"E você?"

"Estou cansado."

"Imaginei."

Demorou.

"Você quer me ver?"

Georgia ficou olhando.

Não havia ponto de interrogação.

Mesmo assim, era uma pergunta.

"Quero."

"Hoje?"

"Hoje."

"Às quatro?"

"Às quatro."

"Vou buscar você."

"Não precisa."

"Eu sei."

Ela sorriu.

"Então está bem."

Às quatro menos dez, Georgia estava pronta.

Às quatro, Oscar não havia chegado.

Às quatro e dez, também não.

Às quatro e vinte, nada.

Georgia olhou pela janela.

Um carro passou.

Não era o dele.

Às quatro e meia, pegou o telefone.

Nenhuma mensagem.

Não estava irritada.

Ainda.

Às quatro e quarenta, começou a andar pela sala.

Sentou-se.

Levantou-se.

Foi até a cozinha.

Abriu a geladeira.

Fechou.

Pegou o telefone novamente.

Nada.

Às cinco, escreveu:

"Está tudo bem?"

Não enviou.

Apagou.

Cinco e dez.

Nada.

Às cinco e vinte, recebeu uma mensagem.

"Desculpe. Não consegui sair."

Georgia leu.

Ficou parada.

Depois escreveu:

"Tudo bem."

Não estava tudo bem.

Apagou.

Escreveu:

"Eu fiquei esperando."

Enviou.

Oscar respondeu quase imediatamente.

"Eu sei."

Ela ficou olhando para as duas palavras.

Dessa vez não sorriu.

"Você podia ter avisado."

"Podia."

"Por que não avisou?"

Demorou.

"Não consegui."

Georgia sentou-se.

"Você está bem?"

"Estou."

"Então por que não conseguiu?"

Nenhuma resposta.

Ela esperou.

Cinco minutos.

Dez.

Vinte.

Colocou o telefone sobre a mesa.

Foi tomar banho.

Quando voltou, havia uma mensagem.

"Desculpe."

Ela não respondeu.

No domingo, acordou cedo.

Não olhou o telefone.

Preparou café.

Abriu a janela.

O mesmo homem lavava o carro da casa em frente.

A mulher sacudia o mesmo tapete.

Georgia ficou olhando.

Havia qualquer coisa de tranquilizador na repetição.

Depois percebeu que estava esperando alguma coisa.

Fechou a janela.

Às nove, o telefone vibrou.

"Bom dia."

Ela não abriu.

Continuou tomando café.

Às nove e vinte, vibrou novamente.

"Você está brava?"

Ela respondeu:

"Não."

"Está."

"Um pouco."

"Desculpe."

"Você já pediu desculpas."

"Eu sei."

"Então não peça mais."

Oscar ficou alguns minutos sem escrever.

Depois:

"Posso te ligar?"

Georgia olhou para o telefone.

Não respondeu.

Cinco minutos depois:

"Georgia?"

Ela colocou o telefone sobre a mesa.

Foi lavar a xícara.

Quando voltou, havia uma terceira mensagem.

"Não precisa responder."

Ela sentou-se.

Leu novamente.

Ligou.

Oscar atendeu no primeiro toque.

— Oi.

— Oi.

— Eu achei que você não fosse ligar.

— Eu também.

Ele riu.

Ela não.

— Você me deixou esperando.

— Eu sei.

— Eu estava preocupada.

— Eu sei.

— Não diga "eu sei".

— Desculpe.

Ela respirou fundo.

— Não é isso.

— Então o que é?

Georgia olhou para a janela.

— Eu não quero começar a precisar de você.

Oscar ficou quieto.

— Por quê?

— Porque você pode não estar.

Ele não respondeu.

Ela continuou:

— E eu não quero ficar olhando para o telefone.

— Eu também não quero que você faça isso.

— Mas eu fiz.

— Eu sei.

— Oscar.

— Desculpe.

Dessa vez ela riu.

Pouco.

— Você é impossível.

— Estou tentando.

— Eu sei.

Ficaram em silêncio.

— Minha mãe teve uma recaída ontem — disse ele.

Georgia fechou os olhos.

— Por que você não me contou?

— Porque eu não sabia o que dizer.

— Podia ter dito isso.

— O quê?

— "Não sei o que dizer."

Ele ficou quieto.

— É verdade — disse finalmente.

Ela sorriu.

— Você pode usar.

— Obrigado.

— De nada.

O silêncio voltou.

Mas não era o mesmo silêncio.

— Você ainda quer me ver? — perguntou Oscar.

Georgia pensou.

— Quero.

— Hoje?

— Hoje.

— Posso ir?

Ela olhou para a porta.

— Pode.

Dessa vez ele chegou no horário.

Trazia a mesma mochila.

Na mão, uma pequena caixa.

— O que é?

— Chocolate.

— Você não gostou?

— Não muito.

— Então por que trouxe?

— Porque comprei para você.

Ela pegou a caixa.

— Obrigada.

Entraram.

Sentaram-se no sofá.

Não falaram sobre a mãe.

Não imediatamente.

Oscar olhou para a estante.

— Você terminou aquele livro?

— Não.

— Por quê?

— Porque não consigo prestar atenção.

— Eu também.

Ele se recostou.

Ela ficou olhando para a caixa de chocolates.

— Podemos não falar de nada?

— Podemos.

E ficaram assim.

Durante alguns minutos, não fizeram nada.

Depois Georgia colocou a cabeça no ombro dele.

Oscar não se mexeu.

A janela estava aberta.

Na rua, alguém chamou um cachorro.

Um carro passou devagar.

Uma porta bateu.

Georgia fechou os olhos.

Não havia solução para aquele momento.

Não havia nada a consertar.

Ela simplesmente ficou ali.

Oscar respirou fundo.

Depois apoiou a cabeça sobre a dela.

Nenhum dos dois falou.

Mais tarde, quando ele foi embora, Georgia ficou na porta até o elevador chegar.

— Me liga quando chegar — disse.

Oscar olhou para ela.

— Ligo.

— Promete?

Ele pensou.

— Prometo.

As portas se fecharam.

Georgia voltou para dentro.

Esperou.

Cinco minutos.

Dez.

O telefone vibrou.

"Cheguei."

Ela respondeu:

"Boa noite."

"Boa noite."

Colocou o telefone sobre a mesa.

Dessa vez não virou a tela para baixo.

Ficou olhando para ele.

Depois foi dormir.

Oscar, no apartamento, deixou o telefone sobre a mesa.

Também não virou a tela para baixo.

Na cozinha, a caixa de chocolates permanecia aberta.

Ele pegou um.

Dessa vez gostou.

Não sabia se havia mudado o chocolate.

Ou ele.

VII

Na segunda-feira, Georgia chegou ao trabalho sete minutos atrasada.

Não era habitual.

Ninguém comentou.

Sentou-se, abriu o computador e começou a trabalhar.

Às nove e dez, olhou o telefone.

Nada.

Às nove e vinte e cinco, novamente.

Nada.

Guardou.

Na tela do computador havia uma planilha aberta desde a sexta-feira.

Leu a primeira linha.

Depois a segunda.

Na terceira, percebeu que estava pensando em Oscar.

Voltou à primeira.

Às dez, recebeu uma mensagem de Marina.

"Almoço?"

Georgia respondeu:

"Hoje não."

Marina mandou apenas:

"Tudo bem."

Às dez e quarenta, o telefone vibrou.

Georgia olhou imediatamente.

Era uma mensagem do banco.

Apagou a notificação.

Continuou trabalhando.

Ao meio-dia, saiu sozinha.

Sentou-se no mesmo restaurante onde havia estado com Marina.

Pediu o prato do dia.

Enquanto esperava, olhou para a cadeira à sua frente.

Não havia ninguém.

Achou graça de si mesma.

O garçom trouxe o prato.

Ela comeu devagar.

Na sobremesa, o telefone vibrou.

"Bom dia."

Era Oscar.

Georgia olhou para a hora.

12h47.

Respondeu:

"Boa tarde."

"Desculpe."

"Pelo quê?"

"Por ontem."

"Você não fez nada ontem."

"Exatamente."

Ela ficou olhando.

"Como está sua mãe?"

"Melhor."

"Que bom."

"Você está brava comigo?"

Georgia pensou.

"Não."

"Tem certeza?"

"Tenho."

"Então posso te ver?"

Ela olhou para o restaurante.

Depois para a cadeira vazia.

"Hoje não."

A resposta demorou.

"Tudo bem."

Ela guardou o telefone.

Terminou a sobremesa.

Pagou.

Na rua, caminhou sem pressa.

Não sabia por que havia recusado.

Não estava ocupada.

Não tinha compromisso.

Quando chegou ao trabalho, abriu a conversa novamente.

A última mensagem continuava ali.

"Tudo bem."

Era uma frase pequena.

Ainda assim, havia alguma coisa nela que não conseguia abandonar.

À tarde, Oscar ligou.

Ela não atendeu.

O telefone parou.

Alguns minutos depois, ligou novamente.

Ela deixou tocar.

Na terceira vez, atendeu.

— Oi.

— Oi.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não.

— Então por que ligou três vezes?

— Porque você não atendeu.

— Eu estava trabalhando.

— Desculpe.

Georgia ficou quieta.

— Você está mesmo bem? — perguntou ele.

— Estou.

— Você parece diferente.

— Talvez eu esteja.

— Por minha causa?

Ela olhou pela janela.

— Não sei.

Oscar riu.

— Você está fazendo isso de propósito.

— Talvez.

— Está vendo?

— O quê?

— Você aprendeu.

Ela sorriu.

— Aprendi com você.

Ficaram em silêncio.

— Você quer me ver amanhã? — perguntou ele.

Georgia respondeu sem pensar:

— Quero.

— Então amanhã.

— Amanhã.

Desligaram.

Naquela noite, Georgia abriu o armário.

Não procurava nada.

Passou os olhos pelas roupas.

Escolheu uma blusa.

Depois outra.

Por fim, deixou as duas sobre a cama.

Não decidiu.

Foi dormir.

Na terça-feira, Oscar não apareceu.

Não mandou mensagem pela manhã.

Às onze, Georgia recebeu uma fotografia.

Era a rua em frente ao hospital.

Nenhuma legenda.

Ela respondeu:

"Você está aí?"

"Estou."

"Está tudo bem?"

"Não sei."

Georgia ficou alguns segundos olhando.

"Quer que eu vá?"

A resposta veio quase imediatamente.

"Não."

Ela não insistiu.

Guardou o telefone.

Trabalhou até as duas.

Às duas e quinze, levantou-se.

Foi ao banheiro.

Lavou o rosto.

Voltou.

Abriu a conversa.

Escreveu:

"Se mudar de ideia, me avise."

Enviou.

Oscar respondeu:

"Obrigado."

Ela não escreveu mais.

Às cinco, saiu do trabalho.

Não foi para casa.

Dirigiu até o hospital.

Ficou alguns minutos dentro do carro.

Não sabia em que andar ele estava.

Não sabia se deveria entrar.

Pegou o telefone.

"Estou aqui."

Esperou.

Nada.

Escreveu:

"Não vou entrar."

Nada.

Desligou o motor.

Esperou mais dez minutos.

Depois foi embora.

No caminho, percebeu que havia cometido alguma coisa que não sabia nomear.

Não era invasão.

Também não era cuidado.

Talvez fosse apenas vontade.

Em casa, tirou os sapatos.

Foi até a cozinha.

Abriu a geladeira.

Havia duas bananas.

Pegou uma.

Comeu em pé.

A outra permaneceu lá.

À noite, Oscar ligou.

— Você foi ao hospital?

Georgia ficou em silêncio.

— Como sabe?

— Eu vi seu carro.

Ela fechou os olhos.

— Você estava lá?

— Estava.

— Por que não falou comigo?

— Porque você disse que não entraria.

— Eu não sabia se devia.

— Eu sei.

— Você sempre sabe.

— Não.

Ela respirou.

— Sua mãe está bem?

— Está dormindo.

— E você?

— Estou sentado no corredor.

Georgia se encostou na bancada.

— Quer que eu fique com você?

Oscar demorou.

— Quero.

Ela sentou-se.

— Então fico.

Não desligaram.

Durante alguns minutos, nenhum dos dois falou.

Georgia ouviu o barulho de uma porta fechando do outro lado da ligação.

Depois passos.

Uma voz distante.

Oscar não respondeu.

Ela permaneceu ali.

Não havia nada para dizer.

À meia-noite, ele falou:

— Você ainda está aí?

— Estou.

— Por quê?

— Porque você pediu.

— Eu não pedi.

— Pediu sim.

— Quando?

— Quando perguntou se eu queria ficar.

Ele riu.

— Isso não é pedir.

— Para mim foi.

Ficaram novamente em silêncio.

À uma da manhã, Oscar disse:

— Vai dormir.

— Você também.

— Eu vou ficar aqui mais um pouco.

— Então eu também.

— Georgia...

— Não.

— Não o quê?

— Não vou desligar.

Ele não insistiu.

Às duas e vinte, ela adormeceu no sofá.

O telefone continuou sobre a mesa.

Às quatro e cinco, acordou.

A ligação havia terminado.

Havia uma mensagem.

"Desculpe. Você dormiu."

Georgia respondeu:

"Sim."

"Obrigado."

Ela ficou olhando.

"Você está bem?"

"Agora sim."

Ela colocou o telefone sobre o peito.

Dormiu novamente.

Na quarta-feira, Oscar não apareceu.

Na quinta, mandou uma mensagem.

"Ela está melhor."

Georgia respondeu:

"Fico feliz."

"Você está brava?"

"Não."

"Tem certeza?"

"Tenho."

"Então por que não quer me ver?"

Georgia ficou parada.

A pergunta parecia simples.

Não era.

Escreveu:

"Porque eu não quero que você só me procure quando alguma coisa está acontecendo."

Leu.

Não enviou.

Apagou.

Escreveu novamente:

"Porque eu sinto falta de você."

Também não enviou.

Apagou.

Por fim:

"Porque não sei."

Enviou.

Oscar respondeu:

"Eu também."

Ela não entendeu.

Ou entendeu demais.

"Também o quê?"

A resposta demorou.

"Não sei."

Georgia sorriu.

Era a primeira vez que aquela frase não lhe pareceu uma fuga.

Na sexta-feira, ele apareceu na porta dela sem avisar.

Trazia uma sacola.

— O que é?

— Almoço.

— Você trouxe comida?

— Trouxe.

— Por quê?

— Porque eu não queria perguntar se você queria.

— Isso não faz sentido.

— Eu sei.

Ela abriu a porta.

Ele entrou.

Colocaram a comida sobre a mesa.

Era simples.

Arroz, legumes, frango.

Comeram juntos.

Não falaram muito.

Depois, Georgia perguntou:

— Sua mãe está melhor?

— Está.

— Você também?

Oscar pensou.

— Um pouco.

— É bom.

— É.

Ela recolheu os pratos.

Ele se levantou para ajudar.

— Deixa.

— Eu posso.

— Eu sei.

Lavaram a louça juntos.

Ela lavava.

Ele secava.

A tarefa demorou mais do que deveria.

Depois ficaram na cozinha sem saber o que fazer.

Oscar encostou-se à pia.

— Eu senti sua falta.

Georgia não respondeu.

— Você não vai dizer nada?

— Estou pensando.

— Em quê?

— Em que momento isso começou.

Oscar olhou para ela.

— Eu também.

Ela sorriu.

— Isso é estranho.

— É.

— E bom.

— É.

Ele se aproximou.

Dessa vez não houve hesitação.

O beijo foi breve.

Depois os dois ficaram parados.

Não havia nada a dizer.

Georgia foi a primeira a sorrir.

— Agora ficou complicado.

Oscar sorriu também.

— Por quê?

— Porque agora existe alguma coisa que não existia.

— Existia.

— Não assim.

Ele não respondeu.

Ela tocou de leve o braço dele.

— Você vai embora?

— Quer que eu vá?

— Não.

Ele ficou.

Naquela tarde, não fizeram nada de especial.

Conversaram.

Riram.

Ficaram em silêncio.

Oscar encontrou um livro que não conhecia.

Georgia fez café.

Ele lavou duas xícaras.

Às seis, recebeu uma ligação.

Atendeu na cozinha.

Georgia não ouviu o que diziam.

Quando voltou, ele estava sério.

— Preciso ir.

Ela não perguntou por quê.

— Está bem.

Oscar pegou a jaqueta.

Parou diante da porta.

— Eu volto amanhã.

Georgia olhou para ele.

— Não promete.

— Por quê?

— Porque amanhã ainda não chegou.

Ele sorriu.

— Então amanhã eu vejo.

— Isso.

Ele saiu.

Georgia fechou a porta.

Ficou alguns segundos parada.

Depois voltou para a cozinha.

Havia duas xícaras sobre a pia.

Uma era dela.

A outra, dele.

Não lavou nenhuma.

Na manhã seguinte, acordou cedo.

As duas xícaras continuavam ali.

Lavou a sua.

A outra permaneceu sobre a pia.

Não sabia por quê.

Talvez porque Oscar voltaria.

Talvez porque ainda não.

Pegou o telefone.

Não havia mensagem.

Dessa vez, não ficou esperando.

Foi preparar café.

Mas, antes de abrir a lata, ouviu a campainha.

Ficou imóvel.

Esperou.

A campainha tocou novamente.

Georgia abriu a porta.

Não era Oscar.

Era o homem do apartamento ao lado.

— Desculpe — disse ele. — Você deixou isso no corredor.

Entregou-lhe um pequeno envelope.

Ela pegou.

— Obrigada.

Fechou a porta.

Olhou o envelope.

Não era dela.

Havia outro nome.

Ela deveria devolvê-lo.

Ficou alguns segundos com ele na mão.

Depois percebeu que estava esperando ouvir novamente a

campainha.

Não ouviu.

Voltou para a cozinha.

A xícara de Oscar continuava sobre a pia.

Ela a lavou.

E, naquele instante, percebeu que havia esperado por ele durante alguns segundos.

Não por uma mensagem.

Não por uma visita.

Por uma campainha.

E não gostou de descobrir isso.

VIII

No domingo, Georgia não esperou a campainha.

Foi uma decisão pequena.

Não chegou a formulá-la.

Apenas não esperou.

Levantou-se cedo, abriu as janelas, regou as plantas e colocou uma música baixa na cozinha.

O domingo parecia ter voltado ao seu lugar.

Isso lhe deu uma satisfação que não soube explicar.

Preparou ovos.

Comeu metade.

Guardou o restante.

Lavou o prato.

Secou.

Guardou.

Depois percebeu que estava fazendo tudo depressa.

Sentou-se à mesa.

Ficou ali.

O telefone estava ao lado.

Não o tocou.

Às dez e quinze, vibrou.

Ela olhou.

"Bom dia."

Oscar.

Esperou alguns segundos antes de responder.

"Bom dia."

"Dormiu bem?"

"Sim."

"Eu não."

"Por quê?"

"Sonhei com você."

Georgia ficou imóvel.

Leu novamente.

"Isso é bom?"

"Não sei."

Ela sorriu.

"Você está usando demais essa resposta."

"É porque funciona."

"Não funciona."

"Funcionou agora."

Georgia olhou para a tela.

Não respondeu.

Pouco depois, ele escreveu:

"Você está ocupada?"

"Não."

"Posso ligar?"

"Pode."

O telefone tocou.

— Oi.

— Oi.

— Você está fazendo o quê?

— Nada.

— Nada de verdade?

— De verdade.

— Eu também.

— Você está onde?

— Em casa.

— Sozinho?

— Sim.

Georgia ficou em silêncio.

— O que foi? — perguntou ele.

— Nada.

— Você está usando a minha resposta.

— Talvez.

Ele riu.

— Você está ficando perigosa.

— Eu já era.

— Não percebi.

— Você não prestava atenção.

— Agora presto.

A frase ficou entre os dois.

Georgia não respondeu.

— Você está aí?

— Estou.

— Fiquei pensando em ontem.

— Eu também.

— Não sei se fizemos uma coisa boa.

Georgia olhou para a janela.

— Eu também não.

— Isso é ruim?

— Não necessariamente.

— Então está bem.

— Talvez.

Ele riu.

— Você gosta mesmo dessa palavra.

— Agora gosto.

Conversaram durante quase uma hora.

Depois desligaram.

Georgia levantou-se.

Foi até o quarto.

Abriu a gaveta de cima.

Havia um pequeno espaço vazio.

Ela não sabia o que costumava guardar ali.

Fechou.

À tarde, saiu para caminhar.

Não tinha destino.

Passou por uma praça.

Sentou-se num banco.

Uma menina brincava com um cachorro.

Um homem lia jornal.

Duas mulheres conversavam.

Um casal atravessou a rua.

Georgia observou.

Não havia nada de especial.

Mesmo assim, ficou ali mais tempo do que pretendia.

Às quatro, voltou para casa.

No elevador, encontrou uma vizinha.

— Você sumiu.

— Não sumi.

— Faz tempo que não te vejo.

— Tenho saído pouco.

— Está tudo bem?

Georgia sorriu.

— Está.

A vizinha entrou no próprio apartamento.

Georgia ficou parada no corredor.

Não sabia por que aquela pergunta a havia parecido tão difícil.

Entrou.

Na cozinha, encontrou o telefone sobre a mesa.

Havia uma mensagem.

"Você está em casa?"

"Estou."

"Posso ir?"

Ela olhou para a sala.

Depois para o relógio.

"Pode."

Oscar chegou vinte minutos depois.

Trazia uma sacola.

— O que é?

— Nada.

— Você trouxe uma sacola com nada?

— Trouxe.

Ela abriu.

Havia pão.

— Isso é nada?

— Quase.

— Você está impossível.

— Eu sei.

Ele entrou.

Colocaram o pão sobre a mesa.

— Você comeu?

— Comi.

— Então por que trouxe isso?

— Porque vi.

— E pensou em mim?

— Pensei.

Ela não respondeu.

Pegou o pão.

Cortou duas fatias.

Passou manteiga.

Entregou uma a ele.

Comeram em pé.

Depois sentaram-se.

— Você parece diferente — disse Oscar.

— Diferente como?

— Mais quieta.

— Você também.

— Eu sei.

— Não é isso.

Ele olhou para ela.

— O que é?

Georgia pensou.

— Acho que estou começando a perceber você.

Oscar sorriu.

— Isso é bom?

— Ainda não sei.

Ele baixou os olhos.

— Eu também estou começando a perceber você.

— E?

— E o quê?

— É bom?

— É estranho.

— Isso não responde.

— Então é bom.

Ela sorriu.

Ficaram em silêncio.

Oscar olhou para o relógio.

— Preciso ir.

Georgia não perguntou por quê.

Ele se levantou.

Na porta, ela disse:

— Oscar.

Ele se virou.

— O quê?

— Nada.

— Você me chamou.

— Eu sei.

— Então?

— Eu só queria chamar.

Ele sorriu.

— Então está bem.

Foi embora.

Georgia fechou a porta.

Dessa vez não ficou esperando a campainha.

Foi até a cozinha.

Lavou as duas xícaras.

Guardou.

Depois percebeu que havia lavado a dele primeiro.

Parou.

Não gostou da descoberta.

Na segunda-feira, Oscar não mandou mensagem.

Georgia também não.

Às nove, começou a trabalhar.

Às dez, recebeu uma ligação de Marina.

— Você está livre hoje à noite?

— Por quê?

— Preciso falar com você.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não.

— Então?

— Quero te ver.

Encontraram-se depois do trabalho.

Marina escolheu um restaurante.

Sentaram-se perto da parede.

— Você está diferente — disse Marina.

Georgia sorriu.

— Todo mundo está dizendo isso.

— Porque está.

— Como?

— Não sei.

Georgia riu.

— Você está aprendendo comigo.

— Talvez.

Marina tomou um gole de água.

— É sério?

— O quê?

— Você e ele.

Georgia olhou para o copo.

— Não sei o que significa "sério".

— Você sabe.

— Não.

— Então o que vocês são?

Georgia pensou.

— Duas pessoas que estão se vendo.

— Só isso?

— É bastante.

Marina sorriu.

— Você está gostando.

— Estou.

— Ele também?

Georgia demorou.

— Acho que sim.

— Acho?

— Ele não diz.

— E você?

— Eu também não.

Marina apoiou os cotovelos sobre a mesa.

— Então vocês estão esperando quem falar primeiro?

— Não sei.

— Você não sabe de nada.

— Parece.

As duas riram.

Depois Marina ficou séria.

— Só toma cuidado.

Georgia olhou para ela.

— Com o quê?

— Com aquilo que você começa a esperar de alguém.

A frase ficou ali.

Georgia não respondeu.

Naquela noite, quando chegou em casa, encontrou uma mensagem de Oscar.

"Você está acordada?"

"Estou."

"Posso te ligar?"

"Pode."

Ele ligou.

— Oi.

— Oi.

— Como foi seu dia?

— Normal.

— O meu também.

— Mentira.

— Por quê?

— Você não manda mensagem desse jeito quando seu dia foi normal.

Ele riu.

— Você está me conhecendo.

— Talvez.

— Minha mãe está melhor.

Georgia sorriu.

— Isso é bom.

— É.

— Você está aliviado?

— Muito.

— Então por que parece preocupado?

Ele ficou quieto.

— Oscar?

— Estou aqui.

— O que foi?

— Nada.

— Não faça isso.

— Isso o quê?

— Não me diga nada quando tem alguma coisa.

Ele respirou.

— Recebi uma proposta de trabalho.

— Isso é bom.

— É.

— Então?

— É em outra cidade.

Georgia não respondeu.

Ele continuou:

— Ainda não aceitei.

— Você quer?

— Não sei.

— Você sempre quis mudar de cidade?

— Às vezes.

— E agora?

— Agora eu não sei.

Ela se levantou.

Foi até a janela.

A rua estava quase vazia.

— Quando você teria que ir?

— Se eu aceitar, em algumas semanas.

Georgia ficou olhando para um poste.

— Você está aí?

— Estou.

— Você ficou quieta.

— Estou pensando.

— Em quê?

— Em você.

Oscar não respondeu.

— Isso é ruim? — perguntou ela.

— Não.

— Então?

— Só não sei o que fazer com isso.

Ela fechou os olhos.

— Talvez não precise fazer nada.

— Você acha?

— Acho.

— E se eu for?

Georgia demorou.

— Você vai.

— E nós?

Ela não respondeu.

A pergunta continuou na linha.

— Georgia?

— Eu não sei.

Ele riu baixinho.

— Agora foi a minha vez.

Ela também riu.

Mas nenhum dos dois achou graça.

— Eu não quero que isso termine — disse Oscar.

Georgia ficou quieta.

— Você ouviu?

— Ouvi.

— E?

Ela encostou a testa no vidro da janela.

— Eu também não quero.

A ligação permaneceu aberta.

Não havia mais nada a acrescentar.

Depois de algum tempo, Oscar disse:

— Posso te ver amanhã?

— Pode.

— Então amanhã.

— Amanhã.

Desligaram.

Georgia permaneceu diante da janela.

Não chorou.

Não ficou triste.

Também não ficou tranquila.

A cidade continuava ali.

As mesmas luzes.

Os mesmos carros.

A mesma rua.

E, pela primeira vez, alguma coisa que ainda não havia acontecido já começava a modificar o modo como ela olhava para o que estava acontecendo.

Na terça-feira, eles se encontraram no mesmo café.

Sentaram-se perto da janela.

Oscar pediu café.

Georgia pediu chá.

O garçom anotou.

— Dois cafés — disse Oscar.

Georgia olhou para ele.

— Eu pedi chá.

— Eu sei.

— Então por que pediu dois cafés?

— Para lembrar.

— Lembrar do quê?

— Que você mudou de ideia uma vez.

Ela sorriu.

— Você presta atenção demais.

— Agora presto.

O café chegou.

Georgia tomou um gole.

— Você aceitaria?

— O quê?

— O trabalho.

Oscar olhou para a xícara.

— Não sei.

— Você quer?

— Quero.

Ela assentiu.

— Então aceite.

Ele levantou os olhos.

— Você está dizendo isso de verdade?

— Estou.

— Mesmo que você não goste?

— Eu não posso pedir que você fique por minha causa.

— Não foi o que perguntei.

— Foi o que pensei.

Oscar ficou quieto.

— Eu não quero que você vá — disse Georgia.

Ele não respondeu.

— Mas quero que você escolha o que quer.

— E se eu escolher você?

Ela olhou para ele.

— Você não sabe o que está escolhendo.

— Talvez saiba.

— Não.

— Por quê?

— Porque você acabou de me conhecer.

— E você a mim.

Ela sorriu.

— Exatamente.

O garçom passou.

Uma colher caiu em alguma mesa.

Alguém riu perto do balcão.

A máquina de café fez um ruído curto.

A vida continuou ao redor deles.

— Quando você precisa responder? — perguntou Georgia.

— Sexta.

— Então temos até sexta.

— Nós temos?

— Temos.

Oscar sorriu.

— Gosto disso.

— Do quê?

— De você dizer "temos".

Ela não respondeu.

Tomou mais um gole.

Na saída, caminharam juntos até a esquina.

— Até amanhã? — perguntou ele.

Georgia olhou para o relógio.

— Talvez.

— Você está brincando.

— Um pouco.

Ele a abraçou.

Dessa vez demorou mais.

Quando se afastaram, Georgia não disse nada.

Oscar também não.

Ele caminhou até o carro.

Antes de entrar, voltou.

— Georgia.

— Sim?

— Se eu aceitar, não significa que acabou.

Ela olhou para ele.

— Eu sei.

— E se eu não aceitar...

— Também não significa que começou.

Oscar sorriu.

— Você complica tudo.

— Você também.

Ele entrou no carro.

Foi embora.

Georgia ficou na esquina.

Não o viu desaparecer.

Voltou para casa.

No quarto, abriu a gaveta de cima.

Havia novamente um espaço vazio.

Ficou olhando.

Não lembrava o que havia pensado quando o vira pela primeira vez.

Fechou a gaveta.

Na cozinha, o telefone vibrou.

"Cheguei."

Ela respondeu:

"Eu também."

Depois percebeu que ainda estava na própria casa.

Apagou a mensagem.

Escreveu:

"Boa noite."

Enviou.

Oscar respondeu:

"Boa noite."

Georgia colocou o telefone sobre a mesa.

Não o virou.

Não ficou esperando.

Foi até o quarto.

Deitou-se.

Amanhã ainda não havia chegado.

Mas já ocupava espaço.

IX

Na quarta-feira, Georgia acordou antes do despertador.

Não havia mensagem.

Não procurou.

Levantou-se.

No caminho para a cozinha, passou pelo quarto e abriu a gaveta.

O espaço vazio continuava lá.

Fechou.

Preparou café.

Dessa vez fez pouco.

Sentou-se à mesa.

O telefone vibrou.

"Bom dia."

Oscar.

"Bom dia."

"Sonhei de novo."

"Comigo?"

"Sim."

"E dessa vez?"

"Você estava indo embora."

Georgia ficou olhando para a frase.

"Isso é um sonho ruim."

"Foi."

"Então esquece."

"Não consigo."

Ela não respondeu.

Depois de alguns minutos:

"Hoje eu vou saber mais sobre o trabalho."

"Você já decidiu?"

"Não."

"Quer que eu opine?"

"Quero."

"Então me conte."

Ele contou.

Era um trabalho que queria havia algum tempo.

Melhor salário.

Mais responsabilidade.

Outra cidade.

Um apartamento que teria de encontrar.

Uma rotina nova.

Distância.

— Parece bom — disse Georgia.

— Parece.

— Então por que você está falando como se fosse ruim?

— Porque é bom.

Ela ficou quieta.

— Isso é ruim? — perguntou ele.

— Não.

— Você ficou quieta de novo.

— Estou pensando.

— Em quê?

— Que algumas coisas boas também podem doer.

Oscar não respondeu.

A ligação terminou pouco depois.

Georgia foi trabalhar.

Às onze, Marina apareceu na porta.

— Café?

— Agora?

— Agora.

Foram.

— Você está preocupada — disse Marina.

— Não.

— Está.

— Um pouco.

— Ele vai embora?

Georgia mexeu o café.

— Talvez.

— E você?

— O que tem eu?

— Você vai atrás?

Georgia levantou os olhos.

— Não.

— Por quê?

— Por que não.

Marina sorriu.

— Essa resposta é muito parecida com "não sei".

Georgia riu.

— Talvez.

— Você está impossível.

— Aprendi com ele.

Voltaram ao trabalho.

À tarde, Oscar mandou uma fotografia.

Era uma mesa de escritório.

Sobre ela, alguns papéis.

"É aqui."

Georgia ampliou a fotografia.

Havia uma janela ao fundo.

Uma árvore.

Um prédio vizinho.

"Você gostou?"

"Gostei."

"Eu também."

Ela escreveu:

"Então acho que você já decidiu."

A resposta demorou.

"Talvez."

Ela sorriu.

"Agora você."

"Aprendi com você."

"Não gostei."

"Mentira."

Ela não respondeu.

À noite, Oscar foi até a casa dela.

Chegou com duas sacolas.

— O que é isso?

— Comida.

— Você sempre traz comida.

— É mais fácil.

— Para quem?

— Para mim.

Ela abriu espaço.

Comeram na sala.

Depois, ficaram sentados no chão.

Georgia apoiou as costas no sofá.

Oscar esticou as pernas.

— Você já morou em outra cidade? — perguntou ele.

— Não.

— Nunca quis?

— Já.

— Por que não foi?

Ela pensou.

— Sempre apareceu alguma coisa.

— O quê?

— Alguma coisa.

— Você ficou?

— Fiquei.

— Se pudesse voltar?

— Não voltaria.

Oscar olhou para ela.

— Por quê?

— Porque eu teria perdido tudo que veio depois.

Ele assentiu.

— Faz sentido.

— E você?

— O quê?

— Se for, vai perder alguma coisa?

— Provavelmente.

— E ganhar?

— Também.

Ela olhou para o teto.

— É injusto.

— O quê?

— Ter que escolher.

— Talvez a escolha seja justamente não escolher.

— Isso não existe.

— Existe.

— Como?

— Escolhendo não escolher.

Ela riu.

— Você está ficando filósofo.

— Culpa sua.

Ficaram em silêncio.

Depois Georgia disse:

— Eu não quero que você vá.

Oscar olhou para ela.

— Eu sei.

— Não diga "eu sei".

— Desculpe.

— Eu não quero que você diga isso porque parece que você já sabia antes de eu falar.

— Eu sabia.

Ela virou o rosto.

— Como?

— Você olha para mim diferente quando pensa nisso.

Georgia não respondeu.

Oscar se aproximou.

— Eu também não quero ir.

— Mas quer o trabalho.

— Quero.

— Então?

— Então existe um problema.

Ela sorriu sem alegria.

— Finalmente.

— O quê?

— Um problema de verdade.

Oscar segurou a mão dela.

— Talvez a gente descubra.

Ela olhou para os dedos entrelaçados.

Não retirou a mão.

Na sexta-feira, Oscar tinha que responder.

Não falaram sobre isso pela manhã.

Nem ao meio-dia.

Nem às três.

Às quatro e meia, Georgia recebeu uma mensagem.

"Vou aceitar."

Ela leu.

Não respondeu.

Cinco minutos depois:

"Você está aí?"

"Estou."

"Fiquei com medo de te contar."

"Por quê?"

"Porque não quero que você ache que estou escolhendo o trabalho em vez de você."

Georgia ficou olhando para a tela.

Escreveu:

"Você não está escolhendo entre nós e o trabalho."

Apagou.

Escreveu:

"Você está escolhendo uma coisa que quer."

Enviou.

Oscar respondeu:

"E você?"

"Eu o quê?"

"O que você quer?"

Ela ficou alguns segundos sem escrever.

"Quero que você vá."

A resposta veio:

"Tem certeza?"

"Não."

Ele ligou.

— Oi.

— Oi.

— Você está chorando?

— Não.

— Parece.

— Estou cansada.

— Eu também.

— Você já aceitou?

— Sim.

— Quando vai?

— Daqui a três semanas.

Georgia fechou os olhos.

Três semanas.

Não era amanhã.

Não era longe.

Era uma coisa com tamanho.

— Você vai procurar apartamento?

— Vou.

— Sozinho?

— Provavelmente.

— Posso ir com você.

Oscar ficou quieto.

— O quê?

— Posso ir com você procurar.

— Você quer?

— Quero.

— Então vamos.

Na manhã seguinte, compraram duas passagens.

Não conversaram muito sobre isso.

A cidade para onde ele iria ficava a pouco mais de duas horas dali.

Não era outro país.

Não era o fim do mundo.

Ainda assim, quando Georgia guardou a passagem na bolsa, sentiu que havia colocado ali uma coisa maior do que um pedaço de papel.

Na semana seguinte, começaram a procurar apartamentos.

Oscar mandava fotografias.

Georgia opinava.

"Esse não."

"Por quê?"

"É escuro."

"Esse?"

"Pequeno."

"Esse?"

"Bonito."

"Então esse."

"Não tão rápido."

Ele mandava outra.

Ela respondia.

Às vezes discordavam.

Às vezes concordavam.

Uma noite, Oscar escreveu:

"Você está escolhendo meu apartamento."

"Estou ajudando."

"Parece que mora aqui."

"Não exagera."

"Você já escolheu onde fica a mesa."

"Porque você não tem noção de espaço."

"Eu tenho."

"Não tem."

"Tenho."

"Então por que perguntou?"

"Porque queria sua opinião."

Ela não respondeu.

Ficou olhando para a fotografia.

Havia uma janela.

Uma mesa.

Uma parede vazia.

Por alguns segundos, imaginou uma cadeira.

Depois fechou a conversa.

No sábado, viajaram para conhecer o apartamento.

O corretor falava demais.

Oscar ouvia.

Georgia olhava as janelas.

O apartamento era pequeno.

A sala recebia bastante luz.

A cozinha era estreita.

O quarto tinha uma parede azul.

— Eu gostei — disse Oscar.

Georgia olhou.

— Eu também.

O corretor sorriu.

— Então fechamos?

Oscar e Georgia se olharam.

— Ainda não — disse Georgia.

O homem pareceu surpreso.

— Precisamos pensar.

Saíram.

Caminharam pela rua.

Era uma cidade tranquila.

Havia uma praça perto dali.

Uma padaria na esquina.

Um supermercado a duas quadras.

Georgia parou.

— Tem supermercado.

Oscar olhou para ela.

— Você está falando sério?

— Estou.

— Isso é decisivo?

— Não.

— Ainda bem.

Entraram na padaria.

Tomaram café.

Oscar ficou olhando para a rua.

— Você viria aqui?

— Viria.

— Quanto?

— Não sei.

— Uma vez por mês?

— Talvez.

— Quinze dias?

— Talvez.

— Toda semana?

Ela sorriu.

— Não comece.

Ele segurou a mão dela por cima da mesa.

— Não quero que isso vire uma promessa.

Georgia apertou a mão dele.

— Nem eu.

— Então o que é?

Ela olhou pela janela.

— Uma possibilidade.

Ele sorriu.

— Gosto.

Voltaram no domingo.

O apartamento estava alugado.

Na segunda-feira, Oscar recebeu as chaves.

Guardou-as no bolso.

Naquela noite, foi à casa de Georgia.

Colocou as chaves sobre a mesa.

Ela olhou.

Não tocou.

— É real.

— É.

— Então você vai.

— Vou.

Ela assentiu.

— Quando você vai dormir lá?

— Ainda não sei.

— Você precisa começar.

— Eu sei.

Ela olhou para ele.

— Não gosto dessa palavra.

— Qual?

— "Precisa".

Oscar sorriu.

— Então não precisa.

Ela se aproximou.

— Você está tentando facilitar.

— Estou.

— Não facilita.

— Por quê?

— Porque eu quero sentir um pouco.

Ele ficou quieto.

Ela encostou a testa no peito dele.

— Eu não quero fingir que está tudo bem.

Oscar passou a mão pelos cabelos dela.

— Eu também não.

Ficaram assim.

Sem falar.

Mais tarde, ele foi embora.

Georgia ficou sozinha.

As chaves continuavam sobre a mesa.

Ela as pegou.

Eram duas.

Uma para a porta.

Outra para o portão.

Ficou alguns segundos segurando as duas.

Depois colocou de volta.

Na terça-feira, começou a ajudar a organizar as coisas do apartamento.

Livros.

Roupas.

Pratos.

Uma cafeteira.

Dois copos.

Uma toalha.

Um pequeno vaso.

— Isso vai ficar lá? — perguntou Georgia.

— Vai.

— Onde?

— Na sala.

Ela pegou o vaso.

— Então precisa de uma planta.

— Você quer colocar uma planta?

— Quero.

— Você escolhe.

Foram comprar uma.

Na loja, havia muitas.

Oscar escolheu uma pequena.

Georgia escolheu outra.

— Essa.

— É bonita.

— E aguenta pouco sol.

— Igual você.

— Não sei se isso foi um elogio.

— Foi.

Levaram a planta.

No apartamento novo, colocaram-na perto da janela.

Georgia regou.

— Não exagera — disse Oscar.

— Eu sei.

Ela parou.

— Está vendo?

— O quê?

— Eu ia dizer "eu sei".

— Pode dizer.

Ela riu.

Naquela noite, dormiram no apartamento novo.

Não havia ainda cortinas.

A luz da rua entrava pela janela.

Deitados, ouviram um carro passar.

Depois outro.

Depois silêncio.

— Você está acordado? — perguntou Georgia.

— Estou.

— Eu também.

— Está com medo?

Ela pensou.

— Um pouco.

— Eu também.

Ela virou-se para ele.

— Do quê?

— De gostar daqui.

Georgia ficou olhando.

— Isso seria ruim?

— Não sei.

Ela sorriu.

— Então estamos iguais.

No dia seguinte, Georgia voltou para sua casa.

A planta ficou no apartamento novo.

Assim como alguns livros.

Dois copos.

Uma toalha.

Uma cafeteira.

E uma parte da rotina que ainda não tinha nome.

À noite, Georgia abriu a gaveta de cima.

O espaço vazio continuava ali.

Dessa vez, colocou dentro dele a fotografia do apartamento.

Depois fechou.

Não sabia por quê.

Talvez para guardar.

Talvez para não perder.

Talvez apenas porque ainda não sabia onde aquela fotografia deveria ficar.

X

Na segunda-feira, Oscar começou a levar as primeiras caixas para o apartamento novo.

Não eram muitas.

Livros.

Algumas roupas.

Pratos.

Objetos que não sabia onde colocar.

A planta ficou perto da janela.

Georgia havia insistido.

— Ela precisa de luz.

— Eu também.

— Então abra a janela.

Oscar abriu.

A rua entrou pela sala.

Um ônibus passou.

Uma mulher atravessou com duas sacolas.

Um cachorro latiu.

A cidade parecia continuar indiferente à mudança.

Georgia estava sentada no chão, cercada por livros.

— Onde você quer esses?

— Na estante.

— Todos?

— Todos.

Ela pegou um.

— Você já leu?

— Alguns.

— E os outros?

— Ainda não.

Georgia olhou para ele.

— Você gosta de guardar coisas para depois.

— Você já disse isso.

— E continua verdadeiro.

— Algumas coisas precisam esperar.

Ela colocou o livro na estante.

— Outras não.

Oscar não respondeu.

Naquela tarde, ficaram duas horas organizando a sala.

No fim, não parecia organizada.

Parecia ocupada.

Havia caixas fechadas num canto.

Um casaco sobre a cadeira.

Dois copos na cozinha.

A planta perto da janela.

Um relógio que ainda não tinha sido pendurado.

Georgia olhou ao redor.

— Agora parece uma casa.

— Antes não parecia?

— Antes parecia um lugar.

Oscar olhou para ela.

— Qual é a diferença?

Ela pensou.

— Não sei.

Ele sorriu.

— Você está usando a minha resposta.

— Talvez.

No caminho de volta, ela dirigiu.

Oscar estava no banco ao lado.

Passaram por uma ponte.

Depois por uma sequência de árvores.

— Você já imaginou morar aqui? — perguntou ele.

— Aqui onde?

— Nesta estrada.

— Não.

— Eu imaginei.

— Por quê?

— Não sei.

Georgia olhou para ele.

— Você imagina muita coisa.

— Agora estou começando.

— Começando o quê?

— A imaginar você nas coisas.

Ela não respondeu.

Continuou dirigindo.

À noite, recebeu uma mensagem.

"Cheguei."

Ela respondeu:

"Eu também."

Oscar mandou uma fotografia.

Era a planta.

"Ela está viva."

Georgia riu.

"Por enquanto."

"Você está me ameaçando?"

"Estou cuidando da planta."

"Entendi."

Ela desligou o telefone.

Depois voltou.

"Boa noite."

A resposta veio:

"Boa noite."

Na terça-feira, Georgia teve um dia difícil.

Uma reunião longa.

Um problema que precisava ser resolvido.

Um telefonema desagradável.

Quando chegou em casa, não queria falar com ninguém.

Tirou os sapatos.

Deixou a bolsa no chão.

Foi até a cozinha.

Abriu a geladeira.

Não havia nada pronto.

Pegou uma maçã.

Comeu em pé.

O telefone tocou.

Oscar.

Ela deixou tocar.

Ele ligou novamente.

Atendeu.

— Oi.

— Você está bem?

— Estou.

— Não parece.

— Foi um dia ruim.

— Quer falar?

— Não.

— Tudo bem.

Georgia ficou quieta.

— Você não vai perguntar?

— Você disse que não queria falar.

Ela respirou.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por não insistir.

— Aprendi.

Ela sorriu.

— Aprendeu comigo?

— Com você.

— Então alguma coisa está funcionando.

— Acho que sim.

Ficaram alguns segundos sem falar.

— Você quer que eu vá aí? — perguntou Oscar.

Georgia olhou para a sala vazia.

— Quero.

— Estou indo.

— Oscar...

— O quê?

— Não precisa.

— Eu sei.

— Eu estava justamente tentando dizer isso.

— Eu sei.

— Então por que vai?

— Porque eu quero.

Ela não respondeu.

Quarenta minutos depois, ele bateu à porta.

Trazia uma sacola.

— Outra vez comida?

— Hoje sim.

— O que você trouxe?

— Não sei.

— Como assim?

— Peguei algumas coisas.

Ela abriu a sacola.

Havia pão, queijo, frutas e uma sopa.

— Você fez sopa?

— Não.

— Então por que trouxe sopa?

— Pareceu necessário.

Georgia riu.

— Necessário?

— Sim.

Sentaram-se à mesa.

Ela comeu a sopa.

Oscar não perguntou sobre o trabalho.

Falou sobre a planta.

Sobre um vizinho do apartamento novo.

Sobre uma torneira que pingava.

Sobre um livro que havia encontrado numa caixa.

Georgia ouvia.

Aos poucos, o dia foi ficando menor.

Depois da sopa, ela encostou-se na cadeira.

— Melhorou?

— O quê?

— O dia.

Georgia pensou.

— Um pouco.

— Então funcionou.

— Talvez.

— Está vendo?

— O quê?

— Você está começando a gostar da palavra.

Ela sorriu.

— Não se acostume.

Na quarta-feira, Oscar recebeu a ligação que esperava.

Precisava estar no novo trabalho na segunda-feira seguinte.

A mudança seria no sábado.

Mandou uma mensagem para Georgia.

"É sábado."

Ela respondeu:

"Eu sei."

"Você quer vir?"

"Quero."

"Então vem."

Na quinta-feira, começaram a separar o que ainda precisava ser levado.

Havia mais coisas do que Oscar imaginava.

— Você tem livros demais — disse Georgia.

— Você também.

— Os meus ficam.

— Os meus também.

— Então estamos empatados.

Ela pegou uma caixa.

— O que tem aqui?

— Fotografias.

— Posso ver?

Oscar ficou parado.

— Pode.

Sentaram-se no chão.

Havia fotografias antigas.

Escola.

Viagens.

Natal.

Aniversários.

Uma praia.

Uma casa que Georgia não conhecia.

Oscar era mais jovem.

Ela pegou uma fotografia.

— Sua mãe?

— Sim.

— Ela está bonita.

— Está.

— Você se parece com ela.

Oscar olhou a fotografia.

— Todo mundo diz isso.

Georgia devolveu.

— Você vai levar?

— Algumas.

— Essa?

Ela segurava uma fotografia em que ele estava sozinho.

— Essa não.

— Por quê?

— Não gosto.

— Posso perguntar por quê?

Oscar ficou em silêncio.

— Pode.

— Eu tinha acabado de sair de uma relação.

Georgia olhou para ele.

— E estava feliz?

— Não.

— Triste?

— Também não.

— Então?

Oscar pegou a fotografia.

— Estava esperando alguma coisa.

— O quê?

Ele olhou para a própria imagem.

— Não sabia.

Georgia não perguntou mais.

Guardou a fotografia na caixa.

— Essa vai.

— Por quê?

— Porque agora você sabe.

Ele sorriu.

Na sexta-feira, Georgia percebeu que estava cansada.

Não fisicamente.

Cansada de despedidas que ainda não eram despedidas.

Foi até o apartamento novo.

Oscar estava na cozinha.

— Você trouxe alguma coisa?

— Não.

— Estranho.

— Eu vim buscar você.

— Para quê?

— Para jantar.

— Aqui?

— Aqui.

— Não tem comida.

— Tem.

Ele abriu um armário.

Havia macarrão.

— Você comprou?

— Comprei.

— Quando?

— Ontem.

— Você está se preparando.

— Talvez.

Fizeram o jantar juntos.

A cozinha era pequena.

Ela cortava os tomates.

Ele mexia a panela.

Em alguns momentos, esbarravam um no outro.

— Essa cozinha é pequena — disse Georgia.

— Eu sei.

— Para duas pessoas.

— Talvez.

Ela olhou para ele.

— Você está fazendo isso de propósito.

— O quê?

— Respondendo assim.

— Talvez.

Ela riu.

Depois ficaram em silêncio.

O cheiro do molho tomou o apartamento.

Quando comeram, usaram os dois pratos que haviam escolhido juntos.

Depois lavaram a louça.

— Amanhã você leva tudo? — perguntou Georgia.

— Quase tudo.

— E o que fica?

Oscar olhou ao redor.

— Não sei.

— Você sempre deixa alguma coisa.

— Você também.

Ela ficou quieta.

— O que você vai deixar?

— Não sei.

— Pensa.

Georgia olhou para a sala.

A planta.

A estante.

A cadeira.

Os dois copos.

— A planta fica.

— Com certeza.

— E talvez o relógio.

— Por quê?

— Porque ainda não sabe onde vai ficar.

Oscar sorriu.

— Então deixa.

Na manhã de sábado, o apartamento ficou cheio de caixas.

Um caminhão parou na rua.

Dois homens subiram e desceram várias vezes.

A casa foi ficando vazia.

A estante desapareceu.

A mesa desapareceu.

A cozinha esvaziou.

No fim, restaram a planta, o relógio e dois copos.

Georgia ficou olhando.

— Parece outra casa.

— Porque é.

— Não.

Ela olhou novamente.

— Parece a mesma.

Oscar não respondeu.

Os homens levaram a última caixa.

A porta fechou.

Ficaram sozinhos.

— Está tudo pronto — disse ele.

Georgia assentiu.

Sentou-se no chão.

Oscar se sentou ao lado.

— Você está triste?

— Sim.

— Eu também.

— É estranho.

— O quê?

— Eu não estou triste porque você vai embora.

— Não?

— Estou triste porque você está indo.

Oscar olhou para ela.

— É diferente?

— É.

— Como?

— Não sei explicar.

— Tudo bem.

Ela encostou a cabeça no ombro dele.

Ficaram assim durante alguns minutos.

Depois Oscar perguntou:

— Você vai comigo?

— Vou.

— Tem certeza?

— Tenho.

— E depois?

Georgia levantou a cabeça.

— Depois eu volto.

— E eu fico.

— Sim.

— Então nós sabemos fazer isso.

— Fazer o quê?

— Ir e voltar.

Ela sorriu.

— Talvez.

No início da tarde, colocaram as últimas coisas no carro.

Antes de sair, Georgia voltou ao apartamento.

A planta estava perto da janela.

O relógio continuava no chão.

Ela olhou para os dois copos.

Pegou um.

Depois o outro.

Colocou os dois dentro de uma caixa pequena.

Oscar apareceu na porta.

— O que você está fazendo?

— Levando.

— Os copos?

— Os copos.

— Por quê?

— Porque são nossos.

Ele não respondeu.

Ela fechou a caixa.

No carro, o apartamento ficou para trás.

A estrada começou.

Durante os primeiros minutos, falaram pouco.

Depois Oscar ligou o rádio.

Uma música começou.

Georgia olhou pela janela.

— Você está nervoso?

— Muito.

— Eu também.

— Por quê?

— Não sei.

Ele estendeu a mão.

Ela segurou.

Continuaram assim durante algum tempo.

Quando chegaram à cidade nova, o céu estava começando a escurecer.

Entraram no apartamento.

As caixas estavam empilhadas.

A planta havia sido deixada na cozinha.

Georgia colocou os dois copos sobre a pia.

— Agora sim.

Oscar sorriu.

— Agora sim o quê?

— Nada.

Ela abriu uma caixa.

Começou a tirar pratos.

Ele abriu outra.

Pouco a pouco, a sala reapareceu.

Não era mais a mesma.

Também não era outra.

Era alguma coisa entre as duas.

À noite, sentaram-se no chão.

Não tinham ainda montado a cama.

Dormiriam sobre um colchão.

— Você vai embora amanhã? — perguntou Oscar.

— Vou.

— Cedo?

— Sim.

Ele assentiu.

— Eu não gosto.

— Eu também não.

— Posso te pedir uma coisa?

— Pode.

— Não transforma isso numa visita.

Georgia olhou para ele.

— Como assim?

— Não quero que você venha aqui apenas para passar alguns dias e depois volte para sua vida como se isso fosse separado da minha.

Ela ficou quieta.

— Eu não sei fazer diferente.

— Eu também não.

— Então vamos descobrir.

Oscar sorriu.

— Você sempre diz isso.

— Porque é verdade.

Dormiram tarde.

Na manhã seguinte, Georgia acordou antes dele.

Ficou alguns minutos olhando o teto.

Depois se levantou.

Preparou café.

Quando Oscar apareceu na cozinha, ainda sonolento, ela

colocou uma xícara diante dele.

— Bom dia.

— Bom dia.

Ele bebeu.

— Está forte.

— Eu sei.

— Está bom.

Ela sorriu.

Depois começou a arrumar a bolsa.

Oscar percebeu.

— Já?

— Se eu demorar, não vou.

— Talvez seja isso que eu queira.

Ela fechou a bolsa.

— Não.

— Por quê?

— Porque você precisa começar.

Ele ficou quieto.

— Você vai voltar.

Não era uma pergunta.

— Vou.

— Quando?

— Ainda não sei.

Oscar baixou os olhos.

Ela se aproximou.

— Não vamos transformar isso numa promessa.

— Então em quê?

Georgia pensou.

— Numa possibilidade.

Ele sorriu.

Abraçaram-se.

Quando ela saiu, Oscar ficou na porta.

Não fechou imediatamente.

Esperou até que o elevador chegasse.

Quando as portas se abriram, Georgia entrou.

Antes que fechassem, olhou para ele.

— Cuida da planta.

— Vou cuidar.

— E dos copos.

— Também.

As portas se fecharam.

Georgia ficou sozinha no elevador.

Desceu.

Saiu para a rua.

Pegou o carro.

Antes de ligar, olhou o telefone.

Não havia mensagem.

Guardou.

Ligou o motor.

Na estrada, depois de alguns quilômetros, recebeu uma mensagem.

"Já estou com saudade."

Ela sorriu.

Não respondeu.

Continuou dirigindo.

Mais adiante, parou num posto.

Entrou na loja.

Passou pelos corredores.

Viu chocolates.

Pegou uma caixa.

Ficou olhando.

Devolveu.

Pegou outra.

Pagou.

No carro, abriu a caixa.

Comeu um.

Não gostou.

Riu sozinha.

Guardou a caixa no banco ao lado.

Continuou.

Na cidade nova, Oscar abriu uma das caixas.

Encontrou a fotografia que haviam discutido.

Aquela que ele não queria levar.

Ficou olhando.

Não lembrava de tê-la colocado ali.

Depois encontrou um pequeno papel dobrado.

Abriu.

Havia apenas duas palavras:

"Lugar seguro."

Oscar leu.

Não reconheceu a letra.

Ficou algum tempo com o papel na mão.

Depois guardou na gaveta.

Não jogou fora.

Naquela noite, quando chegou em casa, Georgia abriu a própria gaveta.

A fotografia do apartamento ainda estava ali.

Pegou.

Olhou.

Depois colocou o papel ao lado.

As duas coisas não combinavam.

Não havia motivo para estarem juntas.

Ainda assim, ficaram.

Ela fechou a gaveta.

Na cidade nova, Oscar fez o mesmo.

A distância entre os dois não era grande.

Duas horas de estrada.

Talvez menos.

Mesmo assim, naquela noite, quando apagaram as luzes, cada um ficou sozinho com uma casa que ainda não sabia exatamente como habitar.

E, pela primeira vez desde que se conheceram, a aproximação não estava acontecendo no mesmo lugar.

Isso não a interrompeu.

Apenas mudou de forma.

XI

Na primeira semana, eles se falaram todos os dias.

Não havia combinado.

Aconteceu.

Pela manhã, uma mensagem.

À tarde, outra.

À noite, uma ligação.

Às vezes longa.

Às vezes curta.

Às vezes não havia assunto.

— O que você está fazendo?

— Nada.

— Eu também.

E isso bastava.

Georgia começou a conhecer os horários do apartamento novo.

Sabia quando Oscar saía.

Sabia quando chegava.

Sabia que ele demorava para comprar comida.

Sabia que esquecia de regar a planta.

Sabia que deixava a toalha sobre a cama.

Sabia que, quando estava cansado, falava menos.

Oscar também começou a conhecer os horários dela.

Sabia quando ela chegava do trabalho.

Sabia que tomava café antes de qualquer coisa.

Sabia que, aos domingos, abria todas as janelas.

Sabia que não gostava de falar ao telefone enquanto fazia compras.

Sabia que, quando dizia "está tudo bem", nem sempre estava.

Essas coisas não foram combinadas.

Foram aparecendo.

Uma rotina começou a existir entre duas casas.

Na terça-feira, Georgia mandou uma fotografia da pia.

Havia duas xícaras.

"Você esqueceu de lavar."

Oscar respondeu:

"Estou trabalhando."

"Isso não é desculpa."

"É sim."

"Não é."

"Então venha lavar."

Ela respondeu:

"Não posso."

"Por quê?"

"Estou na minha casa."

"Detalhe."

Ela riu.

Naquela noite, ele ligou.

— A planta está viva.

— Você regou?

— Reguei.

— Quanto?

— Um copo.

— É muito.

— Ela está viva.

— Isso não significa que esteja bem.

— Você fala da planta como se fosse gente.

— Talvez ela seja mais sensível do que você.

— Isso é impossível.

Conversaram durante quase uma hora.

Depois desligaram.

Georgia foi até a cozinha.

Havia uma xícara sobre a pia.

Lavou.

Guardou.

Foi dormir.

Na quinta-feira, Oscar não ligou.

Georgia percebeu às dez.

Não se preocupou.

Às dez e meia, também não.

Às onze, olhou o telefone.

Nada.

Pensou em escrever.

Não escreveu.

À meia-noite, recebeu:

"Desculpe. Dia difícil."

Ela respondeu:

"Tudo bem."

Esperou.

Nada mais.

Dormiu.

Na manhã seguinte, havia outra mensagem.

"Bom dia."

"Bom dia."

"Você ficou brava?"

"Não."

"Ficou."

"Um pouco."

"Desculpe."

"Não precisa pedir desculpas por estar cansado."

"Eu sei."

Georgia sorriu.

"Então não peça."

"Está bem."

Depois de alguns minutos:

"Posso te ligar?"

"Pode."

Ele ligou.

— O que aconteceu?

— Nada de especial.

— Você parece cansado.

— Estou.

— Dormiu?

— Pouco.

— Comeu?

— Sim.

— Mentira.

Oscar riu.

— Você não pode saber.

— Posso.

— Como?

— Porque você fica com essa voz.

— Que voz?

— Essa.

— Isso não explica nada.

— Explica para mim.

Ele ficou quieto.

— Eu gosto quando você sabe essas coisas — disse.

Georgia não respondeu.

— Você está aí?

— Estou.

— Só não sei o que dizer.

— Não precisa.

Ficaram em silêncio.

A ligação continuou aberta.

Ela foi até a janela.

Ele permaneceu em algum lugar da outra cidade.

Não havia imagem.

Não havia toque.

Não havia presença física.

Mesmo assim, nenhum dos dois desligou.

Na semana seguinte, começaram a falar sobre a visita.

— Você vem sábado? — perguntou Oscar.

— Vou.

— Fica até domingo?

— Fico.

— Só?

— O que você quer dizer?

— Nada.

— Então não diga.

— Você está ficando exigente.

— Sempre fui.

Ele riu.

No sábado, Georgia saiu cedo.

Levou uma pequena bolsa.

Não avisou a hora exata em que chegaria.

Oscar não perguntou.

Quando ela entrou na rua do apartamento, mandou uma mensagem:

"Estou chegando."

Ele respondeu:

"Estou na janela."

Ela olhou para cima.

Não o viu.

Parou o carro.

Subiu.

A porta estava aberta.

— Você não trancou?

— Estava esperando você.

— Isso não é resposta.

— Entra.

Ela entrou.

A planta estava maior.

— Você cuidou.

— Eu disse que cuidaria.

Georgia tocou uma folha.

— Está bonita.

— Eu também cresci.

— Não exagera.

Ele sorriu.

A sala estava diferente.

Havia uma estante.

Um tapete.

Quadros.

Livros.

Um abajur.

— Você comprou tudo isso?

— Algumas coisas.

— Sozinho?

— Algumas.

Ela olhou para um quadro.

— Esse não estava aqui.

— Comprei ontem.

— Você gostou?

— Gostei.

— Eu não.

Oscar riu.

— Ótimo.

— Por quê?

— Porque agora é meu.

Ela deu um pequeno empurrão no braço dele.

— Convencido.

Foram almoçar.

Depois caminharam pela cidade.

Georgia começou a reconhecer as ruas.

Sabia onde ficava a padaria.

O supermercado.

A praça.

A farmácia.

— Você já decorou tudo? — perguntou Oscar.

— Estou começando.

— Você vai morar aqui.

Ela parou.

— Não.

— Não?

— Vou visitar.

Ele não respondeu.

Continuaram andando.

Na praça, sentaram-se num banco.

Uma criança corria atrás de uma bola.

Um homem lia.

Duas mulheres conversavam.

O mesmo tipo de domingo.

— Você gosta daqui? — perguntou Georgia.

— Gosto.

— Mais do que de lá?

— É diferente.

— Não responda assim.

— Assim como?

— Como se fosse impossível comparar.

Oscar sorriu.

— Você quer que eu diga que gosto mais de lá?

— Não.

— Então?

— Nada.

Ficaram quietos.

Mais tarde, voltaram para o apartamento.

Georgia fez café.

Oscar lavou as xícaras.

Ela percebeu.

— Você aprendeu.

— Aprendi.

— Está fazendo isso direito?

— Estou.

— Deixa eu ver.

Ele mostrou a pia.

— Está limpo.

— Impressionante.

— Você está orgulhosa?

— Um pouco.

Sentaram-se no sofá.

O dia começava a terminar.

— Você sente falta daqui? — perguntou Oscar.

— Daqui?

— Da cidade.

Georgia pensou.

— Não.

— E de mim?

Ela olhou para ele.

— Sim.

Ele sorriu.

— Quanto?

— Não faça perguntas difíceis.

— Essa não é difícil.

— É.

— Por quê?

— Porque não tem medida.

Oscar ficou quieto.

Ela encostou a cabeça nele.

— Eu sinto falta de coisas que não sabia que existiam.

Ele olhou para ela.

— Como o quê?

— Da sua cozinha.

— Minha cozinha?

— Da planta.

— Só?

— Do barulho do seu relógio.

— Você nem gostava dele.

— Agora gosto.

Ele passou o braço pelos ombros dela.

— Eu sinto falta de você entrando pela porta.

Georgia sorriu.

— Isso é específico.

— É.

— Eu também.

No domingo, ela voltou para casa.

A despedida foi simples.

Não houve promessa.

Não houve tristeza exagerada.

Apenas um abraço demorado.

— Me avisa quando chegar.

— Aviso.

— Não esquece.

— Não vou.

Na estrada, Georgia recebeu uma mensagem.

"Já estou com saudade."

Ela respondeu:

"Eu também."

Dessa vez, não apagou.

Na segunda-feira, a rotina voltou.

Trabalho.

Supermercado.

Café.

Telefone.

Na terça, Oscar mandou uma fotografia.

A planta tinha uma flor.

Georgia ficou olhando.

"Nasceu."

"Eu vi."

"Você cuidou."

"Você que escolheu."

Ela ampliou a fotografia.

Era uma flor pequena.

"Bonita."

"É."

Depois de alguns minutos:

"Você está bem?"

"Estou."

"Tem certeza?"

"Tenho."

Ela sorriu.

"Então está bem."

Na quarta-feira, Oscar não mandou mensagem pela manhã.

Georgia não estranhou.

À tarde, também não.

À noite, nada.

Ela terminou o jantar.

Lavou o prato.

Guardou.

Foi para a sala.

Abriu um livro.

Leu duas páginas.

Olhou o telefone.

Nada.

Continuou lendo.

Às dez, nada.

Às onze, nada.

À meia-noite, escreveu:

"Está tudo bem?"

Não enviou.

Apagou.

Foi dormir.

Na manhã seguinte, havia uma mensagem.

"Desculpe."

Ela respondeu:

"Bom dia."

"Bom dia."

"Você está bem?"

"Estou."

"Então?"

"Fiquei sem bateria."

Georgia leu.

"Só isso?"

"Só."

Ela não respondeu.

Levantou-se.

Preparou café.

No caminho para o trabalho, percebeu que estava irritada.

Não com a falta de bateria.

Com o fato de ter percebido a ausência.

À noite, Oscar ligou.

— Você está brava.

— Não.

— Está.

— Estou um pouco.

— Por causa de ontem?

— Não exatamente.

— Então por quê?

Georgia ficou quieta.

— Eu não quero precisar saber onde você está.

— Você não precisa.

— Eu sei.

— Então?

— Mas eu quero.

Oscar respirou.

— Eu também quero saber de você.

— Não é a mesma coisa.

— Por quê?

— Porque você está longe.

— E você está perto.

— Exatamente.

Ele ficou em silêncio.

— Você quer que eu faça alguma coisa? — perguntou.

— Não.

— Então o que eu faço?

— Nada.

— Isso parece difícil.

— É.

Ficaram em silêncio.

Depois ele perguntou:

— Você quer que eu venha?

Georgia pensou.

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Por quê?

— Porque não quero que você venha sempre que alguma coisa fica desconfortável.

Oscar ficou quieto.

— Você está certa.

— Não estou dizendo isso.

— Está.

— Não quero estar certa.

Ele riu.

— Então estamos de acordo.

— Não.

— Não?

— Não quero estar de acordo.

Ele riu novamente.

Ela também.

A irritação começou a desaparecer.

— Você vem no próximo sábado? — perguntou Oscar.

— Venho.

— Promete?

— Não.

— Está bem.

— Mas eu venho.

— Isso basta.

Na sexta-feira, Georgia recebeu uma mensagem inesperada.

Não era de Oscar.

Era de Marina.

"Preciso te contar uma coisa."

Georgia respondeu:

"O que aconteceu?"

"Lembra daquele trabalho que eu estava querendo?"

"Lembro."

"Consegui."

"Que ótimo."

"É em outra cidade."

Georgia ficou olhando para a tela.

"Quanto tempo?"

"Não sei."

"Quando?"

"Próximo mês."

Georgia sentou-se.

Não sabia por que aquilo a havia atingido.

Marina escreveu:

"Você está aí?"

"Estou."

"Ficou feliz?"

"Fiquei."

"Parece que não."

Georgia demorou.

"Estou pensando."

"Em quê?"

Ela não respondeu.

Naquela noite, contou a Oscar.

Ele ouviu.

— E você está feliz por ela?

— Estou.

— Então?

— Não sei.

— Você ficou assustada?

Georgia pensou.

— Talvez.

— Por que outra pessoa também pode ir embora?

Ela ficou em silêncio.

— É isso? — perguntou ele.

— Não sei.

Oscar respirou.

— Georgia.

— Sim?

— As pessoas vão embora.

Ela fechou os olhos.

— Eu sei.

— E algumas voltam.

— Eu sei.

— E algumas ficam.

Ela não respondeu.

— O que importa é o que acontece enquanto estão.

Georgia ficou quieta.

A frase não lhe pareceu uma resposta.

Também não lhe pareceu consolo.

Pareceu apenas verdadeira.

— Você está aprendendo a falar bonito — disse ela.

— Estou aprendendo com você.

— Não.

— Não?

— Você está aprendendo sozinho.

Ele sorriu.

Na manhã de sábado, Georgia arrumou a bolsa.

Antes de sair, abriu a gaveta.

A fotografia do apartamento estava ali.

Ao lado, o pequeno papel.

"Lugar seguro."

Ela pegou o papel.

Leu.

Não lembrava de tê-lo guardado.

Dobrou novamente.

Colocou no bolso.

Depois saiu.

Na estrada, não sentiu pressa.

Duas horas depois, chegou.

Oscar abriu a porta.

— Oi.

— Oi.

Ela entrou.

A planta estava perto da janela.

A pequena flor havia aberto completamente.

Georgia ficou olhando.

— Você viu?

— Vi.

— É bonita.

— É.

Ela tirou o papel do bolso.

Colocou sobre a mesa.

Oscar olhou.

— O que é?

— Encontrei entre suas coisas.

Ele pegou.

Leu.

— Eu não escrevi isso.

— Eu sei.

— Você escreveu?

— Também não.

Os dois ficaram olhando para o papel.

Não havia mais nada.

Apenas aquelas duas palavras.

Oscar colocou-o de volta sobre a mesa.

— Deixa aí.

— Por quê?

— Não sei.

Georgia sorriu.

— Você está usando de novo.

— Talvez.

Ela se aproximou.

— Dessa vez pode.

Ele a abraçou.

Ficaram juntos no meio da sala.

Não havia nada a resolver.

Não havia nada a garantir.

Apenas aquele momento.

Do lado de fora, a cidade seguia seu movimento.

Dentro do apartamento, a planta recebia luz.

E, pela primeira vez, Georgia percebeu que a distância não havia diminuído.

Era outra coisa que havia mudado.

Ela já não media a proximidade pela quantidade de tempo que passavam juntos.

Havia alguma coisa entre eles que continuava acontecendo mesmo quando não estavam no mesmo lugar.

Não era segurança.

Também não era certeza.

Era uma espécie de espaço que permanecia aberto.

E, por enquanto, isso bastava.

XII

No domingo, Georgia acordou antes de Oscar.

A luz entrava pela janela.

Por alguns segundos, não reconheceu o quarto.

Depois lembrou.

A cidade.

O apartamento.

A cama.

Oscar dormindo ao lado.

Ficou deitada.

Não quis acordá-lo.

Olhou para o teto.

Havia uma pequena marca perto da luminária.

Pensou que nunca a havia percebido.

Depois fechou os olhos.

Quando voltou a abri-los, Oscar estava acordado.

— Você está me olhando.

— Estou.

— Há quanto tempo?

— Não sei.

— Isso é estranho.

— Por quê?

— Porque eu estava dormindo.

— Eu sei.

— E você ficou olhando.

— Fiquei.

Ele sorriu.

— O que você estava pensando?

— Na primeira vez que vi você.

Oscar ficou quieto.

— Onde?

— No supermercado.

— Você lembra?

— Lembro.

— Eu não.

— Você estava escolhendo café.

— Eu sempre escolho café.

— Você escolheu dois.

— E daí?

— Eu fiquei olhando.

— Por quê?

Georgia pensou.

— Não sei.

Oscar se virou para ela.

— Você acredita nisso?

— No quê?

— Que não sabe?

Ela sorriu.

— Acredito.

Ele ficou olhando.

— Eu acho que já tinha visto você antes.

— Não tinha.

— Não?

— Tenho certeza.

— Então por que parece?

Georgia levantou-se.

— Porque algumas pessoas parecem conhecidas antes de serem.

Foi para a cozinha.

Oscar ficou na cama.

Pouco depois, apareceu.

Ela preparava café.

— Quer?

— Quero.

Ela colocou duas xícaras sobre a mesa.

Sentaram-se.

A manhã estava silenciosa.

— Minha mãe vem hoje — disse Oscar.

Georgia levantou os olhos.

— Aqui?

— Sim.

— Ela já sabe de mim?

— Sabe.

— O que você contou?

— Que estou com alguém.

Georgia sorriu.

— "Alguém".

— Foi o que eu disse.

— Por quê?

— Porque ainda não sei como chamar.

Ela tomou café.

— Eu também não.

— Você se importa?

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ele sorriu.

— Está diferente.

— Você já disse isso.

— Continua sendo verdade.

Depois do café, foram ao mercado.

Não precisavam de muita coisa.

Pão.

Leite.

Frutas.

Café.

Georgia empurrava o carrinho.

Oscar caminhava ao lado.

Pararam diante da prateleira dos cafés.

Ele pegou um pacote.

Ela pegou outro.

— Esse.

— Não.

— Por quê?

— É ruim.

— Você nunca experimentou.

— Já.

— Quando?

— Na outra vez.

— Você não lembra.

— Lembro.

Oscar colocou o pacote no carrinho.

Georgia retirou.

Ele pegou novamente.

Ela olhou para ele.

— Você está fazendo isso de propósito.

— Estou.

— Por quê?

— Porque gosto quando você tira as coisas do carrinho.

Ela riu.

— Você é ridículo.

— Eu sei.

Continuaram.

No corredor seguinte, uma mulher parou o carrinho ao lado.

— Desculpe.

Georgia deu passagem.

Oscar esperou.

A mulher agradeceu e foi embora.

Georgia olhou para ela por alguns segundos.

— O quê? — perguntou Oscar.

— Nada.

— Você ficou olhando.

— Ela parecia preocupada.

— Como você sabe?

— Pelo jeito de andar.

Oscar sorriu.

— Você repara em tudo.

— Nem tudo.

— No que você não repara?

Georgia pensou.

— Em mim.

Ele não respondeu.

No caixa, pagaram.

Na saída, Oscar carregou as sacolas.

Georgia ficou com o café.

— Isso é pesado — disse ele.

— Eu sei.

— Você pode me dar.

— Não.

— Por quê?

— Porque é meu.

Ele sorriu.

— Está bem.

Voltaram para o apartamento.

A mãe de Oscar chegou às duas.

Era uma mulher pequena, de cabelos muito brancos.

Abraçou o filho demoradamente.

Depois olhou para Georgia.

— Então você é Georgia.

Ela sorriu.

— Sou.

— Ouvi falar muito de você.

Oscar ficou constrangido.

— Mãe.

Ela riu.

— Não falei nada demais.

Sentaram-se na sala.

Conversaram.

A mãe contou histórias de Oscar criança.

Ele protestou.

Georgia ria.

— Ele fazia isso? — perguntou.

— Fazia.

— Não acredito.

— Fazia.

— Mãe.

— Você queria saber.

— Não queria.

Georgia riu novamente.

Depois de algum tempo, a mãe de Oscar foi até a janela.

Olhou para a planta.

— Foi você que escolheu?

— Fui.

— Está bonita.

— Ele está cuidando.

A mulher olhou para o filho.

— Então está cuidando de alguma coisa.

Oscar não respondeu.

Georgia percebeu.

A mãe voltou para a sala.

Mais tarde, quando foi embora, deixou sobre a mesa uma pequena fotografia.

— Para você — disse a Georgia.

— Para mim?

— Sim.

Georgia pegou.

Era Oscar ainda criança.

— Não precisava.

— Eu quis.

Ela guardou.

Quando a porta se fechou, Oscar olhou para a fotografia.

— Não acredito que ela fez isso.

— Eu gostei.

— Você vai guardar?

— Vou.

— Por quê?

— Porque agora faz parte.

Ele ficou quieto.

— Você fala como se estivesse aqui.

Georgia olhou para ele.

— Eu estou aqui.

— Você sabe o que eu quis dizer.

— Sei.

Ela colocou a fotografia ao lado do pequeno papel.

"Lugar seguro."

Oscar olhou.

— Você ainda guarda isso?

— Guardo.

— Por quê?

— Não sei.

— Você deveria jogar fora.

Georgia levantou os olhos.

— Por quê?

— Não é meu.

— Nem meu.

— Então?

Ela ficou alguns segundos olhando para o papel.

— Talvez seja de ninguém.

Oscar sorriu.

— Isso não faz sentido.

— Nem tudo precisa fazer.

Ele se aproximou.

— Você está ficando perigosa.

— Você já disse isso.

— Continuo achando.

No fim da tarde, caminharam até a praça.

Sentaram-se no mesmo banco.

A criança que brincava com o cachorro não estava mais ali.

No lugar dela, um homem dormia ao sol.

Uma mulher empurrava um carrinho de bebê.

Um rapaz passava de bicicleta.

— Você conhece essa cidade? — perguntou Oscar.

— Ainda não.

— Mas já conhece algumas coisas.

— Sim.

— Isso é conhecer?

— Acho que é começar.

Ele olhou para ela.

— Você está pensando em ficar?

Georgia demorou.

— Não sei.

— Eu queria que ficasse.

— Eu sei.

— Não diga isso.

Ela riu.

— Desculpe.

— Você vai embora amanhã?

— Vou.

— E depois?

— Depois eu volto.

— Quando?

— Não sei.

Oscar ficou olhando para frente.

— Eu não gosto disso.

— Eu sei.

— Você está fazendo de propósito.

— Estou.

— Por quê?

Georgia pensou.

— Porque agora eu sei que não preciso saber.

Ele ficou em silêncio.

Depois segurou a mão dela.

— Eu também não.

Voltaram para o apartamento no começo da noite.

A cozinha estava iluminada.

Georgia colocou água para ferver.

Oscar abriu o armário.

— Acabou o café.

— Eu comprei.

— Onde?

— No supermercado.

— Você comprou aquele?

— Não.

Ele abriu a sacola.

— Você trocou.

— Troquei.

— Por quê?

— Porque você estava errado.

— Eu sabia.

— Não sabia.

— Sabia.

Ela riu.

Fizeram café.

Depois lavaram as xícaras.

A noite avançou sem pressa.

Sentaram-se na sala.

Não ligaram a televisão.

Não colocaram música.

Ficaram conversando.

Sobre coisas pequenas.

Um vizinho.

Uma notícia.

Um livro.

A mãe dele.

O trabalho.

O apartamento.

A cidade.

A viagem.

Em algum momento, Georgia percebeu que já não lembrava como era conversar com Oscar quando ainda havia assunto para descobrir.

Agora havia coisas que já sabiam.

E isso não diminuía a conversa.

Dava-lhe outra profundidade.

— O que você está pensando? — perguntou ele.

— Que a gente já tem hábitos.

— Isso é bom?

— Acho que sim.

— Quais?

Ela contou.

Ele ria.

Depois contou os dela.

— Você deixa o telefone virado para baixo quando está

preocupada.

— Não deixo.

— Deixa.

— Não.

— Deixa.

— Você inventa.

— Você abre a janela antes de fazer café.

— Isso não é hábito.

— É.

— E você?

— Eu sempre esqueço onde coloquei as chaves.

— Isso é desorganização.

— Também é hábito.

Ela riu.

Ficaram em silêncio.

— Tem uma coisa que mudou — disse Oscar.

— O quê?

— Antes eu queria saber quando você viria.

Georgia olhou para ele.

— E agora?

— Agora eu sei que você vai aparecer.

Ela não respondeu.

— Isso parece bom — continuou ele. — Mas também me assusta.

— Por quê?

— Porque eu comecei a contar com você.

Georgia baixou os olhos.

— Eu também.

— E isso é diferente de precisar.

Ela olhou para ele.

— É.

— Você acha?

— Acho.

— Qual é a diferença?

Georgia pensou.

— Quando preciso, parece que não tenho escolha.

— E quando conta?

— Eu ainda tenho.

Oscar ficou olhando para ela.

— Você vai voltar para sua cidade.

— Vou.

— Eu vou ficar aqui.

— Vai.

— E mesmo assim...

— Mesmo assim.

Ele sorriu.

— Gosto disso.

— Eu também.

Na manhã seguinte, Georgia acordou cedo.

Arrumou a bolsa.

Foi até a cozinha.

Preparou café.

Oscar apareceu.

— Você já vai?

— Daqui a pouco.

Ele ficou olhando.

— Não quero.

— Eu sei.

— Você vai voltar.

— Vou.

— Quando?

Ela pensou.

— Sexta.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ele sorriu.

— Então está bem.

Tomaram café.

Depois desceram juntos.

No carro, antes de partir, Georgia ficou alguns segundos em silêncio.

— O que foi?

— Nada.

— Você está fazendo aquela coisa.

— Que coisa?

— Guardando alguma coisa.

Ela olhou para ele.

— Estou.

— Quer falar?

— Ainda não.

Oscar assentiu.

— Tudo bem.

Ela ligou o motor.

Andaram alguns metros.

Pararam no primeiro sinal.

— Agora?

— Agora.

Ela olhou para ele.

— Eu estava com medo de que isso acabasse.

Oscar ficou quieto.

— E agora?

— Agora não sei.

— Você ainda tem medo?

— Tenho.

Ele segurou a mão dela.

— Eu também.

O sinal abriu.

Ela soltou a mão dele.

Seguiu.

Na saída da cidade, olharam um para o outro.

— Vai com cuidado — disse Oscar.

— Você também.

— Me avisa quando chegar.

— Aviso.

Dessa vez não houve promessa.

Georgia dirigiu.

A cidade desapareceu pelo retrovisor.

Duas horas depois, chegou em casa.

Subiu.

Abriu a porta.

Colocou a bolsa sobre a cadeira.

O apartamento parecia diferente.

Não porque alguma coisa tivesse mudado.

Porque ela havia mudado.

Foi até a cozinha.

Abriu a gaveta.

Retirou a fotografia do apartamento novo.

Olhou.

Depois a fotografia que a mãe de Oscar havia lhe dado.

Colocou as duas sobre a mesa.

O pequeno papel ficou entre elas.

"Lugar seguro."

Georgia ficou olhando.

Depois percebeu que o telefone vibrava.

Oscar.

"Chegou?"

Ela respondeu:

"Cheguei."

"Tudo bem?"

Ela olhou novamente para as fotografias.

"Tudo."

Esperou.

Apareceu outra mensagem.

"Eu também."

Georgia sorriu.

Guardou as fotografias.

Dobrou o papel.

Colocou tudo na gaveta.

Dessa vez, o espaço vazio já não estava vazio.

Fechou.

Foi até a janela.

Abriu.

A rua continuava igual.

O homem da casa em frente lavava o carro.

Uma mulher sacudia um tapete.

Uma bicicleta estava encostada no muro.

Georgia ficou olhando.

Não havia nada extraordinário.

Era apenas a rua.

A mesma rua.

Os mesmos gestos.

As mesmas coisas acontecendo sem saber que alguém as observava.

Ela pensou em Oscar.

Não como quem espera.

Como quem sabe que existe uma distância entre duas coisas e que essa distância não precisa ser preenchida para que elas permaneçam relacionadas.

Fechou a janela.

Foi fazer café.

Na cidade nova, Oscar regou a planta.

Depois ficou alguns minutos diante dela.

Havia uma flor aberta.

Ele tocou uma folha.

Pegou o telefone.

Não mandou fotografia.

Não perguntou nada.

Apenas deixou o telefone sobre a mesa.

A planta permaneceu perto da janela.

Recebia luz.

Crescia em direção a ela.

Não era a mesma planta que havia sido colocada ali algumas semanas antes.

Também não era outra.

Era aquela.

Continuando.

E, naquela noite, em duas casas diferentes, duas pessoas fizeram coisas muito parecidas sem saber:

guardaram o que não queriam perder,

deixaram aberto o que ainda não sabiam nomear,

e seguiram vivendo.

Não porque a história tivesse encontrado uma conclusão.

Mas porque, às vezes, continuar é a única forma de descobrir o que uma história estava fazendo enquanto parecia apenas acontecer.

Epílogo

Algumas semanas depois, Georgia voltou ao supermercado.

Não precisava de muita coisa.

Café.

Pão.

Leite.

Entrou sem pressa.

Pegou um carrinho.

Passou pelos primeiros corredores.

Não procurava nada além do que havia escrito numa pequena lista.

Na seção de cafés, parou.

Por um instante, ficou olhando para as embalagens.

Depois sorriu.

Não sabia por quê.

Uma mulher estava parada mais adiante.

Um homem passou empurrando um carrinho.

Uma criança pediu alguma coisa.

Alguém deixou cair uma garrafa.

Uma funcionária recolheu.

A vida continuava produzindo seus pequenos acidentes.

Georgia caminhou.

No caixa, enquanto esperava, o telefone vibrou.

Oscar.

"Cheguei."

Ela leu.

"Chegou aonde?"

"Na sua cidade."

Ela levantou os olhos.

"Você não avisou."

"Eu sei."

"Por quê?"

"Queria ver se você percebia."

Ela sorriu.

"Estou no supermercado."

"Eu sei."

Georgia olhou ao redor.

"Como você sabe?"

"Estou aqui."

Ela virou-se.

Oscar estava alguns metros atrás.

Não acenou.

Apenas sorriu.

Georgia ficou olhando.

Depois caminhou até ele.

— Você veio.

— Vim.

— Por quanto tempo?

— Não sei.

Ela sorriu.

— Ainda não?

— Ainda não.

Saíram juntos.

Do lado de fora, o dia estava comum.

Não havia nada de especial no céu.

Os carros passavam.

Uma mulher atravessava a rua.

Um homem fechava a porta de uma loja.

Georgia caminhou ao lado de Oscar.

Nenhum dos dois sabia exatamente para onde iriam depois.

Não era necessário saber.

Havia ainda uma distância.

Havia sempre alguma.

E talvez fosse isso que permitia que continuassem caminhando.

Seguiram pela calçada.

Sem pressa.

Nota do Autor

Este livro começou com uma atenção.

A atenção às coisas pequenas.

Não às que acontecem, necessariamente, mas às que se deslocam antes que alguém perceba que se deslocaram.

Uma palavra que muda de sentido.

Um objeto que passa a ocupar outro lugar.

Uma pessoa que começa a fazer falta antes que a ausência exista.

Um gesto que se repete até adquirir uma intimidade que ninguém combinou.

É possível atravessar a vida sem perceber quase nada disso.

Também é possível que seja justamente aí que a vida aconteça.

Georgia e Oscar nasceram desse olhar.

Não para representar uma ideia, nem para ilustrar uma teoria. Precisavam apenas viver. Encontrar-se. Separar-se. Aproximar-se. Errar. Esperar. Fazer café. Ir ao supermercado. Sentir falta. Voltar.

O romance preferiu acompanhá-los.

Talvez porque a literatura tenha uma tarefa que me parece cada vez mais rara: prestar atenção.

Não explicar o mundo.

Olhar para ele.

Olhar para aquilo que muda quando aparentemente nada mudou.

Olhar para o instante em que uma presença começa a ter outro peso.

Para a distância que se modifica sem diminuir.

Para o que permanece aberto quando tudo parece já ter encontrado sua forma.

Este livro é, antes de tudo, uma tentativa de olhar.

O resto pertence à leitura.

FIM

PARA A DISTÂNCIA
QUE SE MODIFICA
SEM DIMINUIR